



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos**

**ROSIVALDO PIRES FRANÇA**

**AVALIAÇÃO FONOLÓGICA DO CONTATO LINGUÍSTICO NAS CANTIGAS DA  
NAÇÃO KETU NO CANDOMBLÉ**

Belo Horizonte  
2025

ROSIVALDO PIRES FRANÇA

**AVALIAÇÃO FONOLÓGICA DO CONTATO LINGUÍSTICO NAS CANTIGAS DA  
NAÇÃO KETU NO CANDOMBLÉ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito final para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Mendes Cantoni

Belo Horizonte  
2025

F814a França, Rosivaldo Pires.  
Avaliação fonológica do contato linguístico nas cantigas da nação Ketu no Candomblé [manuscrito] / Rosivaldo Pires França. – 2025.  
1 recurso online (94 f. : il., grafs. (algumas color.)) : pdf.  
Orientadora: Maria Mendes Cantoni.  
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.  
Linha de Pesquisa: Estudos Formais de Língua.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.  
Bibliografia: f. 88-91.  
Anexos: f. 92-94.  
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Línguas africanas – Fonética – Teses. 2. Análise linguística (Linguística) – Teses. 3. Candomblé – Aspectos culturais – Teses. 4. Música de candomblé – Teses. I. Cantoni, Maria Mendes. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 496



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

## FOLHA DE APROVAÇÃO

### AVALIAÇÃO FONOLÓGICA DO CONTATO LINGUÍSTICO NAS CANTIGAS DA NAÇÃO KETU NO CANDOMBLÉ

**ROSIVALDO PIRES FRANCA**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos Formais de Língua.

Aprovada em 18 de março de 2025, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Maria Mendes Cantoni - Orientador

UFMG

Prof(a). Aroldo Leal de Andrade

UFMG

Prof(a). Denise Cristina Kluge

UFRJ

Belo Horizonte, 18 de março de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Mendes Cantoni, Professora do Magistério Superior**, em 20/03/2025, às 16:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Denise Cristina Kluge, Usuária Externa**, em 21/03/2025, às 11:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Aroldo Leal de Andrade, Professor do Magistério Superior**, em 24/03/2025, às 15:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4055695** e o código CRC **A30B91F6**.

---

Referência: Processo nº 23072.217397/2025-95

SEI nº 4055695

*Dedico este trabalho à minha família, em especial à minha mãe, Maria Telma, e ao meu pai, Zacarias pelo grande apoio e dedicação em minha criação. E à minha sobrinha e afilhada, Jeany Carla, pelo grande apreço dedicado a mim. E à minha irmã de santo, Lena, pelo apoio em vida. E, por fim, à minha tia Gregória pelo imenso amor.*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus protetores e guardiões, *Oşun* e *Oşoguián*, que me deram força e discernimento para enfrentar meus obstáculos e resolver com sabedoria os infortúnios que a vida nos oferece. Não podendo esquecer meus guias, que estiveram (e estão) sempre ao meu lado.

À minha amada família, por ter proporcionado a formação moral para que eu chegasse a este nível em que estou inserido. Mas, em especial, aos meus pais, Telma e Zacarias, que sempre me apoiaram e protegeram, durante esta caminhada.

À minha querida e amabilíssima orientadora, professora Dr<sup>a</sup> Maria Mendes Cantoni, por todo carinho, didática e empatia nos momentos mais difíceis neste percurso. Desculpe-me pelos nomes pronunciados incorretamente, alguma teoria ou termo não compreendido. Tenho muito orgulho de ter sido seu orientando. Não esquecerei do nosso primeiro contato em 2023. De todo coração, muito grato por nunca desacreditar em mim.

À professora Dr<sup>a</sup> Regina Cruz, da Universidade Federal do Pará, por ter me guiado no início desta pesquisa. Agora, seremos colegas de área, Fonética e Fonologia.

À “comunidade do santo” pelo incentivo a esta pesquisa, ajudando na participação e levantamento de dados e referências para o enriquecimento deste trabalho. Em especial à minha família de santo, especificamente a dois filhos que sempre estiveram ao meu lado: Lídia de Oyá e Ida Tolu Ja Irê.

Às minhas grandes e amadas amigas: Débora Barroso, Elizete Mendes, Renata Maria e Rosiane Santos que sempre estão ao meu lado dando apoio, mesmo distante. A presença de vocês é minha energia para cada passo que dei até agora.

Aos meus grandes amigos de laboratório, Amarildo e Flora Ngunga, por todo apoio, conselhos, palavras de apoio que sempre farão com que eu reflita sobre tudo que passei e consegui até o momento.

Aos meus colegas da disciplina de Português como Língua Adicional, Ana Clara, Bárbara Mano, Silvana Mamani pelo imenso companheirismo e troca de experiências, durante a atuação como docente. E aos meus coordenadores maravilhosos, Dr<sup>a</sup> Laura Ferreira, Dr. Leandro Diniz e Dr. Henrique Leroy, pela confiança e compartilhamento de conhecimento.

Aos meus colegas e professores do Laboratório de Fonologia e da UFMG, que possibilitaram o meu crescimento como pesquisador. Grato, ainda, por todo compartilhamento e socializações neste Estado tão querido.

Aos meus queridos professores que possibilitaram meu crescimento acadêmico até o final: Dr. Guilherme Lourenço, Dr<sup>a</sup>. Maria Cantoni, Dr<sup>a</sup>. Thaïs Cristófaro Silva e Dr. Aroldo Leal.

Aos meus amigos que a UFMG deu a mim, Isabella da Mata, Júlia Duarte e Alicia Verde, eu agradeço imensamente todo companheirismo e troca de conhecimento.

Agradeço a mim por cada passo cheio de receios, cada lágrima derramada; entretanto, o desejo de concluir um degrau na minha vida acadêmica. Nunca desista de si. Você pode! Apenas, mantenha-se controlado.

Enfim, existem muitos para agradecer. Por isso, meus grato a todos!

No universo de significações mais amplas da palavra nos grupos, aparecem também as experiências individuais, capazes de construir vivências ligadas à sua própria história. O vocabulário vai construir um indicador importante para a compreensão da cultura de cada povo. Fenômeno como mudanças de sentido, perda de significados, criação de novas palavras, empréstimos lexicais estão estreitamente ligados às condições adversas nas quais esses povos reorganizaram o seu *modus vivendi*, trazidos de diferentes regiões do continente africano.

- MONADEOSI, Iya.

## RESUMO

O presente trabalho propôs uma avaliação fonológica do contato linguístico nas cantigas da nação Ketu no candomblé. O candomblé é uma religião que nasceu do contato de várias culturas africanas, compartilhando, não somente, suas práticas; mas também as línguas. O conhecimento desse contato se faz importante para a compreensão do funcionamento dessas línguas em solo brasileiro. É sabido que os principais grupos étnicos trazidos foram da família Niger-congo, Gbe e Bantu. Todos possuem sua expressão através de cantigas, gênero importante para que os rituais sejam desenvolvidos e essas cantigas, também, permitem um aprendizado para os adeptos dessa religião. O trabalho se desenvolveu a partir do levantamento de 376 cantigas da nação Ketu (de tradição lorubá) no programa FLEEx, tendo como resultado as glosas e a produção de um minidicionário. Diante dessa organização alguns questionamentos são propostos: qual a origem das palavras presentes nas cantigas? Quais fenômenos fonológicos pode-se encontrar, a partir do contato entre as línguas africanas? Então, diante dos argumentos e das relevâncias, esta dissertação pretendeu atender aos seguintes objetivos; sendo como o principal: a) proceder a um estudo da variação no nível fonético-fonológico das cantigas nos terreiros de candomblé. Ele subdivide-se nos seguintes objetivos secundários: b) Descrever as variantes e fenômenos fonológicos presentes nas cantigas de candomblé, a partir do livro “Cantando para os orixás”, do autor Altair B. Oliveira do ano de 2009; c) identificar as origens das palavras presentes nas cantigas; d) comparar os aspectos fonológicos do lorubá e outras línguas africanas com as línguas nagô; e e) montar uma base de dados das cantigas da nação ketu no candomblé, a partir do livro “Cantando para os orixás” compilado por Altair Oliveira (2009). Observou-se, então, que as palavras apresentavam fenômenos como a inserção da vogal epentética [ũ] na pronúncia dos falantes no início de consoantes silábicas *m̃* e *ñ*, o que, se fosse influência com o português, seria esperada a inserção da vogal epentética [i], notou-se o apagamento da articulação velar /g/ na consoante labiovelar /gb/. Com relação ao /kp/, tal consoante não consta nos dados verificados. Com isso, conclui-se que as cantigas possuem léxico de língua lorubá, mas há fenômenos, como a inserção da vogal epentética no início de consoantes silábicas, apontam para um contato entre línguas africanas e não com o português, pois, um estudo desenvolvido por Cantoni (2015) aponta que, no português brasileiro, a vogal epentética inserida é o [i]. Conclui-se que, nas palavras das cantigas, os processos fonológicos indicam características para o contato linguístico entre línguas africanas na língua nagô do Brasil.

**Palavras-chave:** Línguas Africanas; Contato Linguístico; Avaliação Fonológica

## ABSTRACT

This paper proposes a phonological evaluation of language contact in the songs of the Ketu nation in Candomblé. Candomblé is a religion that grew out of the contact between various African cultures, sharing not only their practices but also their languages. Knowledge of this contact is important for understanding how these languages function on Brazilian soil. It is well known that the main ethnic groups brought over were from the Niger-Congo, Gbe and Bantu families. All of them express themselves through songs, an important genre for the development of rituals, and these songs also enable the followers of this religion to learn. The work started with a survey of 376 songs from the Ketu nation (of Yoruba tradition) in the FLEx program, resulting in glosses and the production of a mini-dictionary. Faced with this organization, some questions arise: what is the origin of the words in the songs? What phonological phenomena can be found from the contact between African languages? In view of these arguments and their relevance, this dissertation set out to achieve the following objectives: a) to carry out a study of variation at the phonetic-phonological level of songs in candomblé yards. It is subdivided into the following secondary goals: b) to describe the phonological variants and phenomena present in candomblé songs, based on the book "Cantando para os orixás", by the author Altair B. Oliveira, published in 2009; c) to describe the phonetic phenomena present in candomblé songs, based on the book "Cantando para os orixás", by the author Altair B. Oliveira, published in 2009. Oliveira from 2009; c) to identify the origins of the words present in the songs; d) to compare the phonological aspects of Yoruba and other African languages with the Nagô languages; and e) to assemble a database of the songs of the Ketu nation in candomblé, from the book "Cantando para os orixás" compiled by Altair Oliveira (2009). It was then observed that the words showed phenomena such as the insertion of the epenthetic vowel [ũ] in the speakers' pronunciation at the beginning of syllabic consonants *rn* and *ń*, which, if it were an influence on Portuguese, would be expected to be the insertion of the epenthetic vowel [i], and the deletion of the velar articulation /g/ in the labiovelar consonant /*g̃b*/. With regard to /*k̃p*/, this consonant does not appear in the verified data. With this, we conclude that the songs have a Yoruba language lexicon, but some phenomena, such as the insertion of the epenthetic vowel at the beginning of syllabic consonants, point to a contact between African languages and not with Portuguese, since a study by Cantoni (2015) points out that, in Brazilian Portuguese, the inserted epenthetic vowel is [i]. We conclude that the phonological processes in the words of the songs indicate linguistic contact between African languages in the Nagô language of Brazil.

**Keywords:** African Languages; Linguistic Contact; Phonological Assessment

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Inventário fonético das línguas da África Ocidental.	22
QUADRO 02	Sets de consoantes elaboradas por awobuluyi (1978)	23
QUADRO 03	Inventário das vogais no Fongbe	28
QUADRO 04	Inventário das consoantes em Fongbe	29
QUADRO 05	Sistema dos fonemas vocálicos e consonantais das línguas Bantu	36
QUADRO 06	Inventário consonantal das línguas nagô brasileira	49
QUADRO 07	Palavras com vogal epentética nasal arredondada [ũ] em consoantes silábicas	69
QUADRO 08	Ideofones presentes nas cantigas	75
QUADRO 09	Onomatopeias presentes nas cantigas	75

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01	Percentual da população residente, por grupos de religião Brasil - 1872/1991	40
GRÁFICO 02	Número de candomblecistas nos anos de 2000 e 2010 por região	41
GRÁFICO 03	Número de candomblecistas nos anos de 2000 e 2010 por Estado	42

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Composição do livro “Cantando para os orixás” de Altair B. Oliveira	59
FIGURA 02	Interface do programa FLEEx, mostrando uma entrada da base de dados	61
FIGURA 03	Interface do programa FLEEx, mostrando a segmentação da cantiga	62
FIGURA 04	Interface do dicionário criado, a partir da inserção dos morfemas presentes nas cantigas	63
FIGURA 05	Exemplo de simplificação da estrutura morfológica em uma sentença da língua nagô	76

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
<b>1.2 Problemática</b> .....	<b>18</b>
<b>1.3 Objetivos</b> .....	<b>19</b>
<b>2 ASPECTOS FONOLÓGICOS DE LÍNGUAS AFRICANAS: REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	<b>21</b>
<b>2.1 – Aspectos fonético-fonológicos da língua Iorubá</b> .....	<b>21</b>
<b>2.2 – Aspectos fonético-fonológicos da língua Fongbe</b> .....	<b>27</b>
<b>2.3 – Aspectos fonético-fonológicos das línguas Bantu</b> .....	<b>33</b>
<b>3 HISTORICIDADE DO CANDOMBLÉ E ASPECTOS LINGÜÍSTICOS</b> .....	<b>39</b>
<b>3.1 Formação de uma religião com identidade afrobrasileira</b> .....	<b>39</b>
3.1.1 Sobre o candomblé.....	39
<b>3.2 – A(s) identidade(s) linguística(s) no candomblé: o contato entre línguas africanas no culto</b> .....	<b>44</b>
3.2.1 – Sobre a(s) língua(s) falada(s) no(s) terreiro(s).....	44
3.2.2 A língua como processo litúrgico .....	50
<b>3.3 As cantigas como forma de preservação linguística</b> .....	<b>53</b>
<b>4 METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	<b>56</b>
4.1 – Sobre o autor do livro, Altair B. Oliveira.....	56
4.2 – Sobre o material.....	58
4.3 – Métodos de armazenamento e análise de dados .....	59
<b>5 RESULTADOS</b> .....	<b>65</b>
<b>5.1 Perda da articulação velar /g/ na consoante labiovelar /gb/</b> .....	<b>65</b>
<b>5.2 – Hipótese do surgimento de /k̂p/ em algumas línguas africanas</b> .....	<b>67</b>
5.2.1 A consoante plosiva labiovelar desvozeada /k̂p/ no contexto das cantigas Ketu no candomblé .....	68
<b>5.3 Epêntese antes de ñ e m</b> .....	<b>69</b>
<b>6 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS ASPECTOS FONOLÓGICOS DAS CANTIGAS DO CANDOMBLÉ</b> .....	<b>71</b>
<b>6.1 O contato linguístico e o impacto na formação das línguas do terreiro</b> .....	<b>71</b>
<b>6.2 Composição linguística da língua da nação Ketu</b> .....	<b>74</b>

<b>6.3 Sobre as consoantes complexas /gb/ e /kp/ nas cantigas no candomblé</b>	<b>77</b>
<b>6.3 A inserção da vogal epentética [ũ] precedido à consoantes silábicas ñ e m</b>	<b>81</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>88</b>
<b>ANEXO</b>	<b>92</b>

## INTRODUÇÃO

A vinda dos negros africanos escravizados ao Brasil começou no século XVI e durou mais de 300 anos, durante o período colonial. Eles foram trazidos à força, principalmente de regiões da África Ocidental e Centro-Ocidental, para trabalhar nas plantações de açúcar, minas de ouro e, mais tarde, nas lavouras de café. Esse tráfico humano fazia parte do sistema escravista implantado pelos colonizadores portugueses, que lucravam com a exploração do trabalho dos africanos.

Com isso, milhões de pessoas foram submetidas a condições desumanas, desde o transporte nos navios negreiros até o trabalho forçado nas terras brasileiras. Apesar da opressão, os africanos trouxeram consigo suas tradições, crenças e práticas culturais, que resistiram ao tempo e à repressão.

Foi nesse contexto que surgiu o candomblé, uma religião de matriz africana que se desenvolveu no Brasil como forma de preservar e praticar os cultos aos orixás, divindades das religiões tradicionais africanas. Misturando elementos de diferentes etnias africanas, como os iorubás, bantos e jejes, o candomblé se consolidou como um símbolo de resistência cultural e linguística. O surgimento do candomblé no Brasil será melhor detalhado no capítulo 3.

Dentre as línguas trazidas para o Brasil pelos povos africanos, a língua lorubá possui uma relevância para a formação de uma nova língua produzida a partir do contato entre línguas africanas e português brasileiro: a língua nagô. Sendo o lorubá, aquela língua que possui uma influência e teve grande impacto na formação da cultura afrobrasileira. Os falantes trouxeram seus mitos, rituais e divindades — os orixás — e formaram a base de religiões como o candomblé e a umbanda. Já a língua nagô é uma variação da língua iorubá com outra língua africanas que se desenvolveu no Brasil a partir da presença dos africanos escravizados de origem iorubá, principalmente entre os séculos XVIII e XIX. Sendo assim, o nagô representa um elo importante entre o Brasil e as raízes africanas, sendo uma expressão viva da resistência cultural dos povos escravizados e da preservação de suas identidades.

Um dos objetivos dessa nova religiosidade está atrelada a perpetuação da língua e de sua cultura nos quais esses elementos são repassados (pelo menos deveria ser) aos seus iniciados do candomblé. Entretanto, muitos de seus adeptos não possuem um conhecimento acadêmico sobre as questões linguísticas para isso.

Dessa forma, viabilizar e documentar a procedência das línguas de que contribuíram para essa formação se torna cada vez mais importante, tendo em vista que as formas linguísticas foram redefinidas a partir das necessidades dos falantes (nesse caso, dos adeptos do candomblé).

Uma característica interessante dessas línguas é a reorganização fonológica e ortográfica por que passaram. Iya Monadeossi (2015) afirma que o português brasileiro sofreu (re)organizações nesses níveis. Daí, faz-se um questionamento: se houve influência fonológica e ortográfica das línguas africanas no português, por que não há estudos sobre o impacto do contato linguístico entre as línguas africanas, haja vista que houve um aglomerado dessas em solo brasileiro?

Para esta pesquisa, torna-se interessante abordar o inventário fonológico das línguas africanas para compreendermos quais processos fonológicos influenciaram o desenvolvimento dessas línguas no candomblé - por exemplo em 'gbà' [ba] 'pegar', 'Gbogbo' (/gbogbo/) → "bobo"; ní [ñí] 'enxergar' -, haja vista que muitos desses processos atestados incluem a versatilidade com que as interações entre os fonemas desencadeiam na produção da fala dos interactantes. Xavier propõe um quadro geral das consoantes das línguas africanas em solo africano, separando-as em "labial (/p/, /b/, /m/, /f/, /v/), dental/alveolar (/t/, /d/, /n/, /s/, /z/, /l/, /r/), pós-alveolar (/c/, /j/, /ɲ/, /ʃ/, /j/) e velar (/k/, /g/, /ŋ/, /h/)" (Xavier, 2015, p. 98). Esse inventário ajuda a compreender o desenvolvimento da língua iorubana no Brasil, porque é a partir desse inventário que se perceberá os ajustes possibilitados pelo contato entre as línguas. Sobre o contato das línguas africanas no Brasil, Petter afirma que:

os vocábulos de origem africana adaptaram-se à fonologia, morfologia e sintaxe do português. No nível fonológico, em que línguas africanas apresentam sistemas consonantais mais diversificados, como consoantes labiovelares (kp, gb) e pré-nasalizadas (mp, nd etc.), por exemplo, houve redução dos segmentos. No caso das pré-nasalizadas, a nasalização desapareceu ou foi transferida para a vogal adjacente (...) (Petter, 2015, p. 243)

Como Xavier explica, algumas palavras adaptaram-se em um contexto de comunicação de outro sistema linguístico, por isso o fato de haver, no caso das consoantes citadas, uma redução ([k], [b]) ou a formação de vogal epentética ([kip], [gib]) – respectivamente.

Quanto às línguas africanas ainda utilizadas no Brasil, há poucos estudos disponíveis. No trabalho de Nogueira (2008), buscou-se analisar a relação melodia-

tom no interior do canto de origem africana nas comunidade-terreiro de candomblé, focando na influência de elementos linguísticos e extralinguísticos na produção da fala no momento do canto da cantiga. Ele observou que alguns tons lexicais da língua lorubá são mantidos na língua nagô. Outro detalhe observado na obra de Nogueira foi uma comparação do lorubá com o português do Brasil (Pb), entretanto não houve uma descrição minuciosa dos métodos utilizados por ele em sua pesquisa. Já Silva (2009) propôs um estudo focado nos aspectos culturais das cantigas, em um festejo presente em uma determinada comunidade. A autora observou que os terreiros são espaços de sobrevivência a partir dos ensinamentos, entre eles, o repasse de cantigas.

Esses trabalhos reforçam a ideia de que o candomblé é um lugar para conhecimento e busca para a compreensão de uma parte da história contata por pesquisadores com pensamento eurocêntrico, eximindo, dessa maneira, a percepção de espaços criados por afrodescendentes. Com isso, as pesquisas estão voltadas a esse ambiente por sua base da história dos negros africanos no Brasil.

Este trabalho, portanto, visa aos aspectos linguísticos, no nível fonológico, dos traços dessas línguas africanas presentes nas cantigas de candomblé da nação Ketu. Estudos (Nogueira, 2008; Petter, 2015; Silva, 2009) sobre a interação entre essas línguas, bem como a descrição dos aspectos fonológicos possibilitam não apenas a pesquisa sobre a família linguística e o contato linguístico, mas também a (re)significação e (re)estruturação de uma consciência de uma historicidade linguística a partir de uma diversidade sociocultural.

## 1.2 Problemática

Com a finalidade de avaliar um sistema estrutural interno da língua usada na nação Ketu, algumas questões norteadoras para este estudo são pertinentes e serão respondidas ao longo do trabalho: **a)** Quais aspectos fonológicos permaneceram e quais foram desenvolvidos por esses falantes, através das cantigas? **b)** Pode-se afirmar que há a influência, predominante, de alguma língua (como o iorubá) nas cantigas? **c)** Quais as características fonético-fonológicas provenientes do contato entre as línguas? **d)** Há descrições dessas línguas em âmbito acadêmico? Se sim, qual a proveniência de tais materiais?

Como exposto, o candomblé é uma religião que mistura várias dimensões culturais de povos do continente africano, dentre elas aspectos sociais e linguísticos. No caso da presente dissertação, dar-se-á importância aos aspectos fonológicos presentes nas cantigas dessa manifestação religiosa. Vale ressaltar que não serão considerados aspectos da musicalidade; serão avaliados somente os aspectos fonológicos, como sílaba, consoantes, vogais, processos fonológicos, passando ainda por aspectos morfofonológicos e lexicais.

A língua é parte integrante do candomblé, logo há uma importância na descrição dos aspectos fonológicos dessa comunidade através das cantigas, haja vista que dar continuidade às pesquisas de línguas subdocumentadas é proporcionar o (re)conhecimento ou documentação de uma comunidade linguística.

Vale ressaltar que há uma carência de trabalhos com este tema no meio acadêmico, ou seja, a variação desses sistemas nos templos de candomblé objeto de estudo de poucas investigações prévias, o que justifica a execução do presente projeto de pesquisa.

É necessário, então, conhecer as contribuições das línguas africanas faladas no Brasil no português brasileiro. Ademais, é fundamental conhecer os processos linguísticos das línguas africanas decorrentes do processo de contato em solo brasileiro, bem como tais línguas foram se tornando componente da identidade dentro das nações no candomblé.

### 1.3 Objetivos

Diante dos argumentos e da relevância, este projeto pretende atender ao seguinte objetivo principal: **a)** proceder a um estudo da variação no nível fonético-fonológico das cantigas nos terreiros de candomblé. Ele subdivide-se nos seguintes objetivos secundários: **b)** Descrever as variantes e fenômenos fonológicos presentes nas cantigas de candomblé, a partir do livro “Cantando para os orixás”, do autor Altair B. Oliveira do ano de 2009; **c)** identificar as origens das palavras presentes nas cantigas; **d)** comparar os aspectos fonológicos do lorubá e outras línguas africanas com a língua nagô; e **e)** montar uma base de dados das cantigas da nação ketu no candomblé, a partir do livro “Cantando para os orixás” compilado por Altair Oliveira (2009).

Os capítulos presentes nesta dissertação foram organizados da seguinte maneira: Na Introdução, foram apresentadas informações referentes as ideias que impulsionaram o desenvolvimento da pesquisa. No capítulo 2, foi feita uma revisão bibliográfica sobre os aspectos fonético-fonológicos das línguas africanas. Já no capítulo 3, desenvolve-se uma discussão sobre o processo histórico do candomblé e os aspectos linguísticos que essa nova religião proporcionou à comunidade de fala. No capítulo 4, foram apresentadas as etapas para o desenvolvimento e análise dos dados. No capítulo 5, foram apresentados alguns dos resultados observados durante o levantamento do *corpus*. E, no capítulo 6, os dados foram interpretados e analisados à luz das teorias sobre fonologia e de contato entre línguas.

## 2 ASPECTOS FONOLÓGICOS DE LÍNGUAS AFRICANAS: REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo será apresentada uma revisão de alguns aspectos fonológicos descritos por estudos em línguas africanas (AWOBULUYI, 1978; BOWEN, 1858; BROUSSEAU e LEFEBVRE, 2002; LADEFOGED, 1968; SCHADEBERG, 1990). Tais estudos são relevantes como descrições preliminares dessas línguas. Serão contemplados os quatro grupos de línguas mais comumente associadas com as manifestações linguísticas no candomblé: o lorubá, o Fongbé e línguas Bantu (o Quimbundo e o Umbundu).

### 2.1 – Aspectos fonético-fonológicos da língua lorubá

Atualmente, a classificação aceita para as línguas africanas é a de Williamson (Olson, 2004, p. 5) na qual o lorubá pertence à família linguística nigero-congolesa, dentro da subfamília benue-congolesa, que é uma das maiores do mundo em número de línguas e falantes e está classificado no ramo Volta-Níger. De acordo com Petter Ladefoged (1968, p. 1), uma característica importante da família nígero-congo está relacionada à interpretação segmental das consoantes:

Many west African languages, including most of the *kwa* group, can be considered to have no consonant clusters. The decision as to whether to regard the members of a particular sequence of consonants as singles phonemics units or as clusters is, of course, often arbitrary.<sup>1</sup>

O sistema de consoantes de muitas línguas dessa região é extenso e complexo. Dessa forma, algumas consoantes, nessas línguas, possuem mais de um ponto de articulação. Em contrapartida, essa dupla articulação é associada a uma única unidade fonêmica, como mostrado no quadro 1.

---

<sup>1</sup> Muitas línguas da África ocidental, incluindo a maior parte do grupo *kwa*, podem ser consideradas como não tendo grupos de consoantes. A decisão de considerar os membros de uma determinada sequência de consoantes como unidades fonêmicas isoladas ou como grupos é, evidentemente, muitas vezes arbitrária. (tradução nossa)

**Quadro 1 – Inventário fonético das línguas da África Ocidental desenvolvido por Ladefoged.**

					(A) Upper articulator		lip & ridge		lip		teeth		teeth ridge		back of teeth ridge		hard palate		soft palate		and lip		palate & lip		uvula		vocal cords									
					(B) Lower articulator		lip & tip		lip		tip		tip or blade		tip		blade		front		back		and lip		front & lip		back									
					(C) Secondary articulators														lips																	
					(D) Number on Figure 2.		1 & 2		1		2		3		4		5		6		(1) 6		7		8		(1) 8		1 & 8		1 & 7		9		10	
					(E) Name summarizing (A), (B) and (C) →																															
(a) Position of the soft palate	(b) Relation between the articulators	(c) Name summarizing (a) and (b)	(d) Position of unobstructed oral passage	(e) Action of glottis	labial-alveolar	bilabial	labio-dental	dental	alveolar	post-alveolar	pre-palatal	labialized pre-palatal	palatal	velar	labialized velar	labial-velar	labial-palatal	uvular	glottal																	
raised	complete closure	stop	(none)	voiceless ejective											k'																					
				voiceless aspirated		ph			th						ch	kh																				
				voiceless	p̥	p	f	t								c	k	kʷ	kʰp									q	ʔ							
				voiced implosive		ɓ		ɗ																												
				breathy voiced		ɓɦ		ɗɦ									gɦ																			
				voiced		b	ɗ	d	ɗ								ɟ	g	gʷ	gʰ																
	voiced laryngealised	ɓ̥ɗ̥	ɓ̥		ɗ̥									ɟ̥																						
	complete closure plus slow release	affricate	(none)	voiceless					ts	tʃ	tʃ	tʃ	tʃ																							
				voiced				dz	dʒ	dʒ	dʒ																									
	lowered	complete closure	nasal	(none)	voiced	m̃	m			n					ɲ	ŋ	ŋʷ	ɲ̃																		
raised (unless contrary stated)	close approximation	fricative	central	voiceless		ɸ	f	θ	s	ʃ	ʃ	ʃ	ʃ	ç	x																					
				voiceless ejective					s'																											
				voiced		β	v		z	ʒ	ʒ	ʒ	ʒ	ʒ	ʒ		ɣ																			
			lateral	voiceless					ɬ																											
				voiced					ɮ																											
				voiced					ɮ																											
	open approximation	approximant	central	voiceless					ɻ																											
				voiced		ʋ					ɹ					ɻ																				
				voiced laryngealised																																
(see Chapter 7)	trill/tap	(none)	voiced						r/ɾ																											
	flap	(none)	voiced			vʙ																														

FONTE: Ladefoged (1968, P. 16)

A Quadro 1 ilustra o inventário fonético característico das línguas africanas ocidentais, mostrando os modos e os pontos de articulação utilizados para a produção de cada som. Entretanto, o autor aponta que alguns sons são variáveis a depender da região e de sua comunidade de fala. Isso, de certa maneira, dificulta a classificação dos sons. Sobre isso, Ladefoged (1968, p. 17) exemplifica o caso das consoantes alveolares labializadas:

(...) because all the languages which has sounds of this kind also had several other labialized sounds. Thus Birom has p, pw; b, bw; t, tw; d, dw; c, cw; ʃ, ʃw; k, kw; g, gw. The second of each of these pairs of sounds is usually regarded as a cluster (or the labialization may be regarded as a prosodic feature of a larger unit)<sup>2</sup>

<sup>2</sup> (...) porque todas as línguas que têm sons desse tipo também têm vários outros sons labializados. Assim, o Birom tem p, pw; b, bw; t, tw; d, dw; c, cw; ʃ, ʃw; k, kw; g, gw. O segundo de cada um desses

A labialização possibilita uma característica importante para os estudos de línguas africanas, pois a participação de mais de um ponto articulatorio em um sistema fonético é recorrente em línguas africanas.

Sobre outras possibilidades para a diferenciação de consoantes em línguas africanas, Catford (1939) e Pike (1943) (*apud* Ladfoged, 1968, p. 21), salientam a utilização de vários mecanismos de corrente de ar:

(1) the PULMONIC airstream mechanism, in which the air in the lungs is moved (usually outwards) by the action of the respiratory muscles; (2) the GLOTTALIC airstream mechanism, in which the in the pharynx is moved inwards or outwards by the movement upwards or downwards of the closed glottis; (3) the VELARIC airstream mechanism, in which the air in the mouth is moved (usually inwards) by the movement (usually outwards) of the point of contact between the raised back of tongue and roof of the mouth <sup>3</sup>

Segundo Awobuluyi (1978, p. 142), a língua lorubá possui consoantes organizadas em seis classes, como aponta o quadro 2 abaixo:

**Quadro 2 - Sets de consoantes elaboradas por Awobuluyi (1978)**

1	2	3	4	5	6
b	t	ʃ	k	p	h
m	d	j	g	gb	
f	n	y		w	
	s				
	l				
	r				

Fonte: Awobuluyi (1978, p.142)

Algo interessante a ser observado é a importância dessas classes sonoras para o sistema baseadas em entonação e ponto de articulação, haja vista que “consonants normally never carry any. What they do is to form word and differentiate

---

pares de sons é geralmente considerado um cluster (ou a labialização pode ser considerada como uma característica prosódica de uma unidade maior) (**tradução nossa**)

<sup>3</sup> (1) o mecanismo de corrente de ar PULMÔNICO, no qual o ar nos pulmões é movido (geralmente para fora) pela ação dos músculos respiratórios; (2) o mecanismo de corrente de ar GLOTÁLICO, no qual o ar na faringe é movido para dentro ou para fora pelo movimento para cima ou para baixo da glote fechada; (3) o mecanismo de fluxo de ar VELÁRICO, no qual o ar na boca é movido (geralmente para dentro) pelo movimento (geralmente para fora) do ponto de contato entre o dorso da língua levantado e o céu da boca

between then.<sup>4</sup> (Awobuluyi, 1978, p. 143), como, por exemplo, *bá* ‘to overtake’/ *ṣá* ‘to cut – with cutlass’; *fá* ‘to shave off – hair’/ *yá* ‘to borrow, lend’; *sá* ‘to run’/ *gbá* ‘to sweep’. (Awobuluyi, 1978, p. 143). A partir dos exemplos citados, todos possuem um tom alto, a mesma vogal e são monossílabas; entretanto a consoante foi fundamental para que fosse distinguido o sentido de cada item lexical. Logo, consistem em fonemas diferentes na língua.

É imperativo o conhecimento dos pontos de articulação e de quais os sons adjacentes que partilham a mesma sílaba em uma palavra, pois isso possibilita a compreensão de alguns fenômenos fonológicos. Sobre isso, John Kingston (2007, p. 403) afirma que:

Because the gesture specifies the goal rather than the movements of individual articulators, an articulator can contribute different amounts to achieving that goal in different contexts. For example, the goal in [b], [p], or [m] is to close the lips, and the upper and lower lips and the jaw all move to accomplish this goal, but each moves differently depending on the neighboring vowel because the vowel’s gestures are active at the same time as the lip closing gesture and they compete for control over these articulators. (Sussman *et al.* (1973) e Macchi (1988))<sup>5</sup>

Isso mostra a importância do conhecimento das características fonéticas ao lado dos fenômenos fonológicos de uma língua. Nesse caso, observado na produção desses sons pelos indivíduos de uma determinada comunidade.

Em Iorubá, as consoantes {*gb̂*}, {*p*} e {*ṣ*} possuem uma particularidade. Essas consoantes devem ser pronunciadas, respectivamente, [*gb̂*] os dois sons simultaneamente, a segunda é pronunciada sob o apoio de outro som, produzindo [*kp̂*] ou [*p*] e, por fim, {*ṣ*} deve ser pronunciado como uma [ʃ]. Dessa maneira, observa-se que, nas duas primeiras consoantes há um processo de alofonia. Esse mecanismo é descrito por Ladefoged (1968, p. 9) como “is more complicated”:

After the two closures have been made, there is a downward movement of the jaw, and a backward movement of the point of contact of the back of the tongue and the soft palate; these movements cause a lowering of the pressure

<sup>4</sup> Normalmente, as consoantes não têm nenhum significado. O que elas fazem é ajudar as palavras e diferenciá-las. (**tradução nossa**)

<sup>5</sup> Como o gesto especifica o objetivo em vez dos movimentos de articuladores individuais, um articulador pode contribuir com quantidades diferentes para atingir esse objetivo em contextos diferentes. Por exemplo, o objetivo em [b], [p] ou [m] é fechar os lábios, sendo que os lábios superior e inferior e a mandíbula se movem para atingir esse objetivo. mas cada um se move de forma diferente, dependendo da vogal vizinha porque os gestos da vogal estão ativos ao mesmo tempo que o gesto de fechamento dos lábios e competem pelo controle desses articuladores. (**tradução nossa**)

in the mouth. Thus, from the point of view of the release of the closure at the lips, there is an ingressive velaric airstream. But there is still a high pressure behind the velar closure owing to the outgoing air from the lungs (the pulmonic egressive airstream mechanism). Consequently when both closures are released the air flows into the mouth from two directions. <sup>6</sup>

Esse processo complicado, por conta da “pressão” da passagem de ar e dos pontos de articulação envolvidos pode levar ao “apagamento” de traços sonoros, acarretando alofones, como apontados por Ladefoged (1968): “p, p<sup>w</sup>; b, b<sup>w</sup>; t, t<sup>w</sup>; d, d<sup>w</sup>; c, c<sup>w</sup>; ʃ, ʃ<sup>w</sup>; k, k<sup>w</sup>; g, g<sup>w</sup>”.

John Kingston (2007) explica que um condicionamento fonológico é interessante para a manifestação das consoantes, principalmente as plosivas. Sobre esse fato, o autor explica que:

Although all of these phonological patterns are peculiar to particular speech communities or even individuals (many languages have /g/ as well as /b, d/; stops don't intrude between nasals or laterals and fricatives in South African English, and [k] often remains unpalatalized and unaffricated despite coarticulating with [i]), they recur in unrelated speech communities, and they are phonetically possible in all speech communities (p. 406) (Fourakis e Port (1986)).<sup>7</sup>

No que se refere às características silábicas em lorubá, sua formação não é aleatória. Segundo Awobuluyi (1978, p. 146), “None of the three categories of sounds in the language, namely, tones, vowels and consonants, can occur by themselves, independently of the other two categories”<sup>8</sup>. Essas características – tons, vogais e consoantes – são importantes, pois cada organização silábica é dependente do som predecessor e sucessor.

O lorubá é uma língua tonal, logo os tons são importantes para a gramática da língua, porque interferem na distinção (morfológica, sintática, semântica e

---

<sup>6</sup> Depois que os dois fechamentos são feitos, há um movimento para baixo da mandíbula e um movimento para trás do ponto de contato da parte de trás da língua e do palato mole; esses movimentos causam uma redução da pressão na boca. Assim, do ponto de vista da liberação do fechamento dos lábios, há uma corrente de ar velárica ingressiva. Mas ainda há uma alta pressão por trás do fechamento velar devido à saída de ar dos pulmões (o mecanismo de fluxo de ar egressivo pulmonar). Consequentemente, quando ambos os fechamentos são liberados, o ar flui para a boca em duas direções. **(tradução nossa)**

<sup>7</sup> Embora todos esses padrões fonológicos sejam peculiares a comunidades de fala específicas ou até mesmo a indivíduos (muitos idiomas têm /g/ e também /b, d/; as oclusivas não se intrometem entre as nasais ou laterais e as fricativas no inglês sul-africano, e o [k] geralmente permanece não palatalizado e não africado, apesar de coarticular com o [i]), eles se repetem em comunidades de fala não relacionadas e são foneticamente possíveis em todas as comunidades de fala. **(tradução nossa)**

<sup>8</sup> Nenhuma das três categorias de sons do idioma, a saber, tons, vogais e consoantes, pode ocorrer por si só, independentemente das outras duas categorias. **(tradução nossa)**

discursiva) da comunicação. Outra característica fundamental sobre eles é que ocorrem, geralmente, com vogais e vice-versa, por exemplo, Ó 'ele, ela'; ò 'não'. Entretanto, há um caso, em específico, em que o tom pode ocorrer em *m* e *n*, quando essas são núcleos da sílaba. Sobre isso, Awobuluyi (1978, p. 146) afirma que:

These are the only two consonants on which tones can occur in the language. When these consonants occur with tones, they are to all intents and purposes the same thing as vowels; for they are then doing the works of vowels rather than of consonants.<sup>9</sup>

Para se compreender esse fenômeno, devem-se considerar que em algumas línguas africanas a organização silábica pode ser constituída em CV, C, V ou CVC. A partir da explicação de Widdowson (1996, p. 43):

Although a syllable (normally) has to have a vowel (and sometimes consists only of a vowel, as in the word 'eye' or 'I' /aɪ/ (V)) it can, as we can see, combine with several initial and/or final consonant clusters. But there are restrictions on the distribution of consonants in these clusters. These restrictions differ from language to language, and from dialect to dialect, and serve as criteria for establishing the phonological status of different consonant sounds.<sup>10</sup>

No caso do lorubá, as consoantes nasais /m/ e /n/ podem receber às vezes a função de uma vogal na sílaba, sendo, portanto, o núcleo dessa sílaba e, conseqüentemente, tornando-se portadora de tons. Uma explicação trazida por Ladefoged (1968, p. 23) é que a manifestação de *ń* e *ń* pode estar atrelada ao fato da presença de poucas consoantes nasais na língua.

Diante do exposto, a relação entre os aspectos fonéticos e os processos fonológicos são importantes para a percepção da organização dessa língua por parte do indivíduo. Dessa maneira, a forma como um falante reproduz um conjunto de sons através da comunicação influencia a reprodução de cada um, haja vista que as produções orais são possibilitadas por aspectos físicos e mentais.

---

<sup>9</sup> Essas são as duas únicas consoantes nas quais os tons podem ocorrer na língua. Quando essas consoantes ocorrem com tons, elas são, para todos os efeitos, a mesma coisa que as vogais, pois estão fazendo o trabalho das vogais e não das consoantes. **(tradução nossa)**

<sup>10</sup> Embora uma sílaba (normalmente) tenha que ter uma vogal (e às vezes consiste apenas em uma vogal, como na palavra 'eye' ou 'I' /aɪ/ (V)), ela pode, como podemos ver, combinar-se com vários encontros consonantais iniciais e/ou finais. Mas há restrições quanto à distribuição das consoantes nesses encontros. Essas restrições diferem de língua para língua e de dialeto para dialeto, e servem como critérios para estabelecer o status fonológico de diferentes sons consonantais. **(tradução nossa)**

O Iorubá, portanto, assim como as outras línguas da mesma família, apresenta aspectos fonéticos e fonológicos ricos e complexos, que refletem sua estrutura tonal e sua base consonantal e vocálica. Do ponto de vista fonético, o Iorubá utiliza tons como uma propriedade fonêmica essencial, com três níveis principais (alto, médio e baixo) que são fundamentais para distinguir significados em palavras e expressões. Além disso, as vogais no sistema Iorubano são orais ou nasais. Já as consoantes podem ser simples ou complexas e ainda apresentar diferentes mecanismos de passagem do ar.

No que se refere às manifestações desses sons, a língua é regida por um sistema harmônico vocálico, no qual as vogais dentro de uma mesma palavra tendem a harmonizar-se em termos de qualidade aberta ou fechada. As consoantes incluem sons específicos como as nasais silábicas, que podem portar tons, além de oclusivas e fricativas que seguem um padrão articulatorio claro.

Por fim, outro aspecto importante é o uso dos tons na construção da prosódia e da morfologia, influenciando não apenas o significado lexical, mas também as relações gramaticais e sintáticas.

## 2.2 – Aspectos fonético-fonológicos da língua Fongbe

Nessa seção, serão apresentadas algumas características fonético-fonológicas da língua Fongbe. Essa língua é falada por indivíduos de um grupo étnico do antigo reino do Abomey, no Benin.

O Fongbe é parte do grupo Gbe, de acordo com Grimes (1996 *apud* Brousseau e Lefebvre, 2002, p. 1) “in the literature, the language is also referred to as Fo, Fon, Fonnu, Fongbe, Dahomeen and Djedji”<sup>11</sup>. Outra informação importante que, segundo Capo (1979 *apud* Brousseau e Lefebvre, 2002, p. 1):

Fongbe covers the dialects referred to as Glexwé (region of Ouidah), Agbóme (region of Abomey), Maxí (Zou province), Gun (Alada to Porto-Novo), Wéme (Weme province), Seto (Weme province and Nigeria) and Kotafon (an area of the Mono province).<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Na literatura, o idioma também é chamado de Fo, Fon, Fonnu, Fongbe, Dahomeen e Djedji. **(tradução nossa)**

<sup>12</sup> O Fongbe abrange os dialetos conhecidos como Glexwé (região de Ouidah), Agbóme (região de Abomey), Maxí (província de Zou), Gun (Alada a Porto Novo), Wéme (província de Weme), Seto (província de Weme e Nigéria) e Kotafon (uma área da província de Mono) **(tradução nossa)**

Essa língua possui, como se observou, uma gama de influências territoriais. Não se deve desconsiderar, ainda, a influência do francês nesse território africano. Dessa maneira, a compreensão da dinâmica sociolinguística no Benin, bem como a influência de outras comunidades linguísticas podem influenciar em aspectos sobre traços fonéticos ou a adequação de sons antes não catalogados, portanto, é importante outros estudos no âmbito da sociolinguística desse grupo.

Os aspectos linguísticos do Fongbe referentes, principalmente, aos aspectos fonéticos e fonológicos carecem de pesquisas detalhadas. Assim, características sobre organização silábica, características e função dos tons, uma descrição delineada sobre fenômenos fonológicos são pouco explorados.

Diante do exposto, essa língua possui em seu sistema vocálico sete vogais orais e sete nasais, como mostrado pelo Quadro 3. Segundo Brousseau e Lefebvre (2002, p. 15), o inventário vocálico é um sistema fonêmico e fonético, pois suas manifestações não necessariamente correspondem à manifestação daquele som. Isso dependerá de seu ambiente fonológico. Vale salientar que, por ser uma língua tonal, a presença do tom fará total diferença.

**Quadro 3 – Inventário das vogais no Fongbe**

	ORAL		
	Front	Central	Back
High	i		u
Mid-high	e		o
Mid-low	ɛ		ɔ
Low		a	
	NASAL		
	Front	Central	Back
High	ĩ		ũ
Mid-high	(ẽ)		(õ)
Mid-low	ẽ		õ
Low		ã	

Fonte: Capo (1991 *apud* Brousseau e Lefebvre, 2002, p. 15)

Como dito antes, esse inventário possui características fonêmicas e fonéticas, assim como para qualquer língua já descrita. O som / ɛ/ pode não ter status fonêmico, pois está condicionado a ocorrer, apenas, em monossílabos.

Com relação às vogais nasais, seguem as mesmas características das orais, com exceção de /ẽ/ e /õ/, que são condicionados fonologicamente.

Já o sistema consonantal em Fongbe é constituído por vinte e uma consoantes fonêmicas e seis fonéticas - representadas entre colchetes no Quadro. A Quadro 4 ilustra o inventário consonantal nessa língua.

**Quadro 4 – Inventário das consoantes em Fongbe**

	Bilabial	Labio-dental	Alveo-dental	Alveo-palatal	Palatal	Velar	Labio-velar
Stop - voiceless	[p]		t			k	kp
Stop - voiced			d			g	gb
Affricate - voiceless				ç			
Affricate - voiced				ʝ			
Fricative - voiceless		f	s			x	xw
Fricative - voiced		v	z			ɣ	ɣw
Sonorant	b [m]		ɖ [n]		[ɲ]		
Sonorant - liquid			l [r]				
Sonorant - glide	w				y [y]		

Fonte: Brousseau e Lefebvre, 2002, p. 16

Segundo Brousseau e Lefebvre (2002), a manifestação de alguns fonemas é, aparentemente, atestada em poucas palavras, como por exemplo o [p]. A partir da análise de Segurola (1903 *apud* Brousseau e Lefebvre, 2002, p. 16), em um dicionário, observou-se que poucas palavras iniciam com [p]. Geralmente, essas palavras são empréstimos (do francês ou do português) ou ideofones.

Outra característica relevante diz respeito à alofonia e interpretação de /b/, como afirmam Brousseau e Lefebvre (2002, p. 16): “I believe that /b/ is best analysed as a sonorant in Fongbe, since it has the same distributional constraints as sonorants.”<sup>13</sup>. De certa maneira, isso faz sentido, pois, na ausência de um som, o próprio sistema se adequará, a partir de seus contextos fonológicos, como verificado em [b] e [m]. Essa manifestação, chamada de distribuição complementar, indica que, antes de vogais e consoantes orais haverá [b], enquanto, antes de segmentos nasais (vogais e consoantes), haverá [m].

Brousseau e Lefebvre (2002, p. 18) alertam ao fato de que a maioria das consoantes fonêmicas são encontradas na maioria dos dialetos do Gbe. Segundo as autoras:

The phonemes /ç/ a n ɖ/ ʝ/ are found in all lects but two: one Vhe lect and one Phla-Pherä lect. The consonant /xw/ is found in all Gbe lects except Vhe and Gen, in which the consonant corresponding to Fongbe /xw/ is realised as /p/

<sup>13</sup> Acredito que o /b/ seja melhor analisado como uma sonorante no Fongbe, pois tem as mesmas restrições de distribuição que as sonorantes. **(tradução nossa)**

or as a bilabial [f]. The consonant /ɣʷ/ is found in all Gbe lects but Vhe, where it is realised as [v]. According to Capo (1991) all Gbe lects have /ɣ/ as a fricative; furthermore the sonorant [ɣ] occurs in Gen and Aja lects, as well as in all but one Vhe lect.<sup>14</sup>

Como observado, o Fongbe possui poucas representações fonológicas para os sons consonantais, isso acarreta um processo que possibilite uma maior adequação do meio com o inventário, a alofonia, como apontado por Brousseau e Lefebvre (2002).

Outro aspecto a ser considerado refere-se ao molde silábico em Fongbe, tendo com sets principais V, CV e C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V. A última organização é considerada como um conjunto fechado, ou seja, apenas algumas consoantes podem ocorrer em C<sub>2</sub> e C<sub>1</sub>. A partir disso, Brousseau; Lefebvre (2002, p. 18) elencam condições para que o terceiro set ocorra:

In C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V syllables, consonant clusters are constrained by the co-occurrence restrictions. (...) // may follow any consonant except the alveo-dental sonorant /d/ and its allophone [n]. Consonant clusters are more constrained when C<sub>2</sub> is the glide /y/: the first consonant may be any fricative but /xʷ/ and /yʷ/, or the sonorant /b/ or /d/. Note that a C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V syllable is sometimes realised as a disyllabic form in emphatic speech and in oral literature.<sup>15</sup>

Dessa forma, a formação de sílabas CCV depende de características sonoras de C<sub>1</sub> e C<sub>2</sub>. Interessante informação trazida pelas autoras é o fato de a organização variar considerando o tipo de expressividade da linguagem, sendo oral ou escrita.

Um fenômeno observado também é a presença da vogal epentética ou exclusão da consoante da sílaba final, quando uma vogal, nesse caso, é inserida entre C<sub>1</sub> e C<sub>2</sub> ou a consoante é excluída com o objetivo de adaptação do Fongbe ao empréstimo de outras línguas. Isso se dá pelo fato de o Fongbe preferir palavras monossílabas. Quando há a ocorrência de algum dissílabo, trata-se de um

<sup>14</sup> Os fonemas /č/ ě// são encontrados em todas as lects, exceto em duas: uma lect Vhe e uma lect Phla-Pherä. A consoante /xʷ/ é encontrada em todas as lects do Gbe, exceto Vhe e Gen, nas quais a consoante correspondente ao Fongbe /xʷ/ é realizada como /p/ ou como uma bilabial [f]. A consoante /ɣʷ/ é encontrada em todos os lects do Gbe, exceto no Vhe, onde é realizada como [v]. De acordo com Capo (1991), todos os lects Gbe têm /ɣ/ como uma fricativa; além disso, a sonorante [ɣ] ocorre nos lects Gen e Aja, bem como em todos os lects Vhe.

<sup>15</sup> Nas sílabas C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V, os encontros consonantais são limitados pelas restrições de co-ocorrência. (...) // pode seguir qualquer consoante, exceto a sonorante alvéo-dental /d/ e seu alofone [n]. Os grupos de consoantes são mais restritos quando C<sub>2</sub> é o glide /y/: a primeira consoante pode ser qualquer fricativa, exceto /xʷ/ e /yʷ/, ou a sonorante /b/ ou /d/. Observe que uma sílaba C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V às vezes é realizada como uma forma dissilábica na fala enfática e na literatura oral.

empréstimo, que pode envolver processos morfológicos como afixação, reduplicação ou composição (Brousseau e Lefebvre, 2002, p. 19).

Quando a palavra é um empréstimo, conforme Brousseau e Lefebvre (2002) a tendência é a adaptação fonológica. Como nos exemplos a seguir: a) epêntese – [áyò] (Fongbe) < [ay] (francês) ‘alho’; [màčínì] (Fongbe) < [maʃin] (francês) ‘máquina’; ou b) exclusão – [pósù] (Fongbe) < [pɔst] (francês) ‘correio’; [dòtóò] (Fongbe) < [dɔktœr] (francês) ‘médico’.

O Fongbe, por ser uma língua prototipicamente tonal, possui os tons como traços distintivos para a diferenciação/marcação no léxico ou na sentença, portanto, de acordo com Brousseau e Lefebvre (2002, p. 20):

The phonological representation of lexical items includes a specification for one of two tones – low or high – and there are numerous minimal pairs which can be distinguished only by tone, such as *gbà* ‘to break’ and *gbǎ* ‘to build’, *xù* ‘sea’ and *xú* ‘bone’, *gàn* ‘iron’ and *gǎn* ‘chief’. Phonological tones may be modified lexically or postlexically, yielding three phonetic tones: rising (LH), falling (HL), and mid (M). The rising LH tone is the realization of a high tone following a voiced consonant. The falling tone HL is the realization of a low tone after spreading of a preceding high tone. Finally, the mid tone is a phonetic variant of the two complex tones (rising and falling) found in some lects (...)<sup>16</sup>

A partir dessa descrição fonológica, pode-se inferir que há uma diversidade de explicações para a manifestação dos tons nas línguas africanas, sendo, obviamente, a análise da estrutura silábica, natureza fonológica do léxico e acento são fatores que podem influenciar na ocorrência do fenômeno de assimilação, variação ou, até mesmo, caso atestado, o apagamento de algum tom.

Alguns processos fonológicos são importantes, em Fongbe: a africacão, o arredondamento e a harmonia vocálica. A primeira consiste em um fenômeno superficial e opcional nesse sistema. Ela ocorre quando a consoante plosiva alveodental /t/ e /d/ são seguidas por uma vogal anterior alta. Esse processo pode acarretar ainda, de acordo com Brousseau e Lefebvre (2002, p. 25) que “Outputs vary

<sup>16</sup> A representação fonológica dos itens lexicais inclui uma especificação para um de dois tons - baixo ou alto - e há vários pares mínimos que podem ser distinguidos apenas pelo tom, como *gbà* "quebrar" e *gbǎ* "construir", *xù* "mar" e *xú* "osso", *gàn* "ferro" e *gǎn* "chefe". Os tons fonológicos podem ser modificados lexical ou postlexicamente, produzindo três tons fonéticos: ascendente (LH), descendente (HL) e médio (M). O tom ascendente LH é a realização de um tom agudo após uma consoante sonora. O tom descendente HL é a realização de um tom baixo após a propagação de um tom alto anterior. Por fim, o tom médio é uma variante fonética dos dois tons complexos (ascendente e descendente) encontrados em algumas palavras (...) (**tradução nossa**)

across lects: place of articulation may remain the same, yielding [tʃ] and [dʒ], or palatalisation may occur, yielding [č] and [ʝ].”<sup>17</sup>. Como exemplo, tem-se, segundo as autoras (2002, p. 25):

(01) /é nò díĩ  
It HAB be.very.good → [é nò dʒíĩ]  
'It is very good'

(02) /à ti klé/  
you squeeze lemon → [à tʃi klé]  
'You squeezed some lemon'

Esses exemplos ilustram um fenômeno comum, inclusive no português, que é a palatalização de /t/ e /d/ condicionados, como mostra no exemplo, ao som seguinte /i/. O arredondamento, em Fongbe, ocorre com a vogal /i/, que se torna [u]; isso, quando são palavras emprestadas ou possuem algum processo de afixação na palavra. O condicionamento para que esse fenômeno ocorra é a presença de uma consoante labial, por exemplo: /gómì/ > [gómù] 'borracha' (do francês *gomme*); /gléví/ > [glévù] 'greve' (do francês *grève*) (Brousseau e Lefebvre, 2002, p. 25).

O segundo processo relacionado ao arredondamento vocálico diz respeito à harmonização vocálica. Nas palavras de Brousseau e Lefebvre (2002, p. 26), esse processo também acontece em itens lexicais emprestados nos quais a vogal epentética /i/, torna-se em /u/. Por exemplo em /fósi/ > [fósù] 'força'; /sikúli/ > [súkùlù] 'escola'. Isso ocorre pelo fato da primeira vogal do radical ser arredondada.

Em certos contextos, pode haver a reduplicação do prefixo em alguns dialetos da língua Fongbe, como em *γù* 'matar' > *γùγù* (em Maxi, Agbome e Gun); *só* 'bater' > *súsó* (Maxi e Agbome) e *sísó* (Gun). Interessante que, em Gun, o processo é o inverso, em que a presença da harmonia vocálica se dá através da vogal alta arredondada, como verificado nos exemplos acima. Segundo Brousseau e Lefebvre (2002, p. 26) "In Gun lects, only the presence of the round high vowel /u/ in the radical will trigger vowel harmony."<sup>18</sup>

<sup>17</sup> As produções sonoras variam entre os lects: o local da articulação pode permanecer o mesmo, produzindo [tʃ] e [dʒ], ou pode ocorrer a palatalização, produzindo [č] e [ʝ].

<sup>18</sup> Em Gun, somente a presença da vogal alta redonda /u/ no radical possibilitará a harmonia vocálica. (tradução nossa)

Diante do exposto, em Fongbe, os processos fonético-fonológico possuem características relacionados aos processos internos da própria língua, mas também, em alguns casos, possibilitado pelos empréstimos de outras línguas, como o francês e inglês.

### 2.3 – Aspectos fonético-fonológicos das línguas Bantu

As línguas Bantu possuem particularidades relacionadas à historicidade, à região e ao grupo étnico que permeia suas características. Logo, antes do direcionamento aos aspectos linguísticos, é importante a compreensão de questões (socio)culturais o que, segundo Nurse e Philippson (2003, p. 7-8):

For Bantu that development started some five millennia ago, even longer for Niger-Congo. While there is some disagreement on details, the general historical picture of Bantu development and settlement is clear (Clist 1995, Vansina 1995, Diamond 1997, Ehret 1998). Some five millennia ago early Bantu peoples started out of their original homeland astride the Nigeria/Cameroon borderland. By 3000 BC they had spread east and south, occupying most of the rainforest in what is today the DRC. Over the next millennium they moved out of the rainforest into parts of eastern, followed by southern, Africa. The archaeological record tells us that these major initial movements were complete by the early centuries of our era. Over the next two millennia offshoots of the initial communities gradually spread across nearly the whole area. During much of the period most Bantu communities were small and adjacent to other communities, mostly Bantu, a few non-Bantu (Khoisan, Cushitic, Nilo-Saharan, Adamawa-Ubangian, also perhaps Pygmy, whose linguistic status remains doubtful (Blench, (1998)). The original divergence was followed and overlaid by millennia of convergence, during which language communities interacted with their neighbors. Some communities waxed, some waned, some vanished, all changed. Looking at the whole area and the whole period is like looking into a kaleidoscope, with constantly changing patterns.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Para os bantos, esse desenvolvimento começou há cerca de cinco milênios, e há ainda mais tempo para o Níger-Congo. Embora haja alguma discordância quanto aos detalhes, o quadro histórico geral do desenvolvimento e da colonização bantu é claro (Clist 1995, Vansina 1995, Diamond 1997, Ehret 1998). Há cerca de cinco milênios, os primeiros povos bantu saíram de sua terra natal original, na fronteira entre a Nigéria e Camarões. Em 3000 a.C., eles haviam se espalhado para o leste e para o sul, ocupando a maior parte da floresta tropical no que hoje é a RDC. No milênio seguinte, eles saíram da floresta tropical para partes da África Oriental e, em seguida, para a África Austral. O registro arqueológico nos diz que esses grandes movimentos iniciais foram concluídos nos primeiros séculos de nossa era. Nos dois milênios seguintes, as ramificações das comunidades iniciais se espalharam gradualmente por quase toda a área. Durante a maior parte do período, a maioria das comunidades bantu era pequena e adjacente a outras comunidades, em sua maioria bantu, algumas não bantu (khoisan, cushitic, nilo-saariana, adamawa-ubangiana e talvez pigmeu, cujo status linguístico permanece duvidoso (Blench, (1998)). A divergência original foi seguida e sobreposta por milênios de convergência, durante os quais as comunidades linguísticas interagiram com seus vizinhos. Algumas comunidades cresceram, outras diminuíram, outras desapareceram, todas mudaram. Olhar para toda a área e para todo o período é como olhar para um caleidoscópio, com padrões em constante mudança. **(tradução nossa)**

Dessa maneira, a expansão bantu iniciou-se há cerca de cinco mil anos, partindo da região entre a Nigéria e Camarões. Até 3000 a.C., esses povos já haviam se espalhado pela floresta tropical da atual República Democrática do Congo e, no milênio seguinte, migraram para a África Oriental e Austral. Nos dois milênios seguintes, essa dispersão ocorreu de forma gradual, com intensa interação entre comunidades bantu e outros grupos étnicos, resultando em processos de divergência e convergência linguística e cultural. Esse movimento dinâmico de adaptação e transformação moldou a diversidade sociocultural da África Subsaariana.

No que consiste aos aspectos fonéticos, Maddieson e Sands (2019, p. 211) explicam que, embora haja diferenças entre as línguas desta família, há semelhanças em seus sistemas sonoros:

Although it's true that many languages within the Bantu group are phonetically quite similar to each other, there is considerably more diversity in their phonetic patterns than is often believed. Some of this diversity may be disguised by the widespread use of simplifying transcriptions and orthographies which normalise away variation within and between languages or underrepresent distinctions.<sup>20</sup>

Foneticamente, a maior parte das línguas Bantu possui um sistema simples de vogais e “have simplelooking systems of five or seven vowels in which the expected relationships between the features of vowel height, backness and rounding hold.”<sup>21</sup> (Maddieson e Sands, 2019, p. 212).

Entretanto, isso não exclui a possibilidade de fenômenos fonológicos em um sistema vocálicos tão simples. Logo, Hyman (1999 *apud* Maddieson e Sands, 2019, p. 212) explica que pode haver diferenças especialmente em relação às vogais médias:

That is, the back non-low vowels are rounded, and the low and front vowels are unrounded. The vowels of the five-vowel systems are therefore usually transcribed as /i e a o u/ and the seven-vowel systems are most often transcribed as /i e ε a ɔ o u/. However, these standardised transcriptions may

---

<sup>20</sup> Embora seja verdade que muitos idiomas do grupo bantu sejam foneticamente muito semelhantes entre si, há muito mais diversidade em seus padrões fonéticos do que se acredita. Parte dessa diversidade pode ser disfarçada pelo uso generalizado de transcrições e ortografias simplificadoras que normalizam a variação dentro e entre os idiomas ou sub-representam as distinções. **(tradução nossa)**

<sup>21</sup> (...) têm sistemas de aparência simples de cinco ou sete vogais, nos quais as relações esperadas entre as características de altura, anterioridade e arredondamento das vogais se mantêm. **(tradução nossa)**

disguise significant differences between languages, especially with respect to the nature of the vowels written /e/ and /o/.<sup>22</sup>

Nas línguas do mundo, critérios acústicos são fundamentais para diferenciar os sistemas vocálicos. Maddieson e Sands (2019, p. 213) explicam que:

(...) with first formant (F1) values increasing down from the origin, and second formant (F2) values increasing to the left. The distances along the axes are scaled to reflect auditory/perceptual intervals; F2 is plotted using a logarithmic scale. This kind of display closely parallels the traditional auditorily based vowel space based on perceived “height” and “backness” values used, for example (...) but has the advantage of being based on verifiable measurement. (...) it can be seen that in Xhosa S41 /e o/ are located almost equidistant from the high vowels /i u/ and the low vowel /a/. There is a raising process in Xhosa S41, which results in higher variants of /e o/ when /i u/ occur in the next syllable. The means for /e o/ plotted here do not include tokens of these raised variants.<sup>23</sup>

Essa característica é importante para a observação, não somente de aspectos não gráficos, mas especialmente de aspectos fonéticos. Isso viabiliza um complemento a uma descrição gramatical e permite compreender melhor a diferenciação entre essas línguas.

Geralmente essas línguas possuem partes de seu léxico emprestadas de outras línguas. Se considerarmos o processo histórico da África como um todo, isso se confirma em relação a alguns processos fonológicos. Como mencionado por Maddieson e Sands (2019, p. 226):

As is generally the case cross-linguistically, there are fewer nasal vowels than oral ones, at least in lexical stems. In Ngungwel B72a, there are three oral and three nasal vowels in prefixes [e a o ē ã õ]. Lexical stems have a system of seven oral vowels but only five nasal vowels. Nasal vowels in the stem are reported to have the qualities [ĩ ê ã õ ũ] and to be invariably long.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> Ou seja, as vogais posteriores não baixas são arredondadas, e as vogais baixas e frontais não são arredondadas. As vogais dos sistemas de cinco vogais são, portanto, geralmente transcritas como /i e a o u/ e os sistemas de sete vogais são mais frequentemente transcritos como /i e ε a ɔ o u/. Entretanto, essas transcrições padronizadas podem ocultar diferenças significativas entre os idiomas, especialmente com relação à natureza das vogais escritas /e/ e /o/. **(tradução nossa)**

<sup>23</sup> (...) com os valores do primeiro formante (F1) aumentando para baixo a partir da origem, e os valores do segundo formante (F2) aumentando para a esquerda. As distâncias ao longo dos eixos são dimensionadas para refletir os intervalos auditivos/perceptuais; F2 é plotado usando uma escala logarítmica. Esse tipo de exibição é muito parecido com o espaço tradicional de vogais baseado na percepção dos valores de “altura” e “retrocesso” usados, por exemplo, (...), mas tem a vantagem de se basear em medições verificáveis. (...) pode-se observar que, no Xhosa S41, o /e o/ está localizado quase equidistante das vogais altas /i u/ e da vogal baixa /a/. Há um processo de elevação no Xhosa S41, que resulta em variantes mais altas de /e o/ quando /i u/ ocorre na sílaba seguinte. As médias de /e o/ apresentadas aqui não incluem tokens dessas variantes elevadas. **(tradução nossa)**

<sup>24</sup> Como é geralmente o caso entre os idiomas, há menos vogais nasais do que orais, pelo menos nos radicais lexicais. Em Ngungwel B72a, há três vogais orais e três vogais nasais nos prefixos [e a o ē ã

A descrição e o estudo das características fonológicas são importantes para a compreensão da organização silábica nas línguas dessa família. Outro aspecto importante está atrelado, também, às consoantes, como afirmam Maddieson e Sands (2019, p. 229)

Most Bantu languages have a full set of nasals at each place of articulation where a stop or affricate appears, but often intricate (morpho)phonological processes govern nasal/oral alternations and syllabification and other prosodic processes concerning nasals. Most of the languages have relatively limited sets of fricatives of the cross-linguistically common types, although lateral fricatives (and affricates) have developed in or been borrowed into a number of the southern languages, such as Sotho-Tswana S30, Xhosa S41 and Zulu S42.<sup>25</sup>

A partir dessa descrição, conclui-se que tanto os sistemas vocálicos quanto os consonantais são simples em algumas áreas, mas o fato do desenvolvimento de determinados grupos de sons, como as fricativas (e africadas) em outras regiões possibilitou uma organização dos sons específicos em cada região, a partir do cruzamento entre as línguas da família Bantu, acarretando o desenvolvimento de processos fonológicos complexos. No quadro 5, segue o set desses fonemas:

#### Quadro 5 – Sistema dos fonemas vocálicos e consonantais das línguas Bantu

a	consonants				b	vowels (long and short)	
	p	t	c	k	i	u	
	b	d	j	g	ɪ	ʊ	
	m	n	ɲ		ɛ	ɔ	
							a

Fonte: Meeussen (1967 *apud* Maddieson e Sands, 2019, p. 294)

õ]. Os radicais lexicais têm um sistema de sete vogais orais, mas apenas cinco vogais nasais. As vogais nasais no radical são relatadas como tendo as qualidades [ĩ ẽ ã õ ũ] e como sendo invariavelmente longos. **(tradução nossa)**

<sup>25</sup> A maioria das línguas bantu tem um conjunto completo de nasais em cada local de articulação em que aparece uma plosiva ou africada, mas frequentemente os processos (morfo)fonológicos intrincados governam as alternâncias nasal/oral e a silabificação e outros processos prosódicos relativos às nasais. A maioria das línguas tem conjuntos relativamente limitados de fricativas dos tipos comuns entre elas, embora as fricativas laterais (e as africadas) tenham se desenvolvido ou sido emprestadas em várias línguas do sul, como o Sotho-Tswana S30, o Xhosa S41 e o Zulu S42. **(tradução nossa)**

Para uma melhor compreensão desses sistemas, precisa-se conhecer sobre o processo histórico da África e suas diásporas, fato que possibilitou a formação do empréstimo de muitos sons entre as línguas africanas. Um exemplo dessa troca linguística está atrelada aos sons como \*β \*l \*ɣ que são constituídos, a partir de /b d g/, diante do vozeamento desses sons. Em muitas línguas Bantu, a palatalização de consoantes é realizada como complemento para a carência de alguma consoante: \*c como /s/; outras \*j como /z/, a partir de algumas suposições que dependerão da análise minuciosa, como a simplificação articulatória, mudança do ponto de articulação, assimilação ou influência prosódica. (Maddieson e Sands, 2019, p. 294).

Assim como outras famílias, as línguas Bantu possuem pontos de articulação dos sons relacionados, também, aos fenômenos fonológicos, que podem ser condicionados nessas línguas à posição dos tons e à organização silábica. Um fenômeno interessante, que ocorre na língua Ruwund corresponde à perda de vogais e aos empréstimos, tendo como consequência o apagamento de sílaba, como mostrado por Nash (1992 *apud* Maddieson; Sands 2019, p. 296):

Some Bantu languages have developed additional syllable structures, typically by the loss of vowels or consonants or through borrowings. Most word-final vowels have been lost in Ruwund L53, whose word-final syllables therefore usually end in a consonant, e.g., \*Ñ-búdà, \*dù -kúni > ñ-vùl 'rain,' rú-kùŋ 'firewood'.<sup>26</sup>

Esses exemplos refletem processos que parecem comuns nas línguas Bantu e que incluem mudança fonológica, morfológica e adaptação tonal, assim como em muitas línguas africanas. Nesses exemplos, em específico, supõe-se que \*Ñ-búdà e \*dù -kúni se modificaram, concomitantemente, para formas como ñ-vùl 'rain' "chuva" rú-kùŋ 'firewood' "lenha" por processos decorrentes do contexto fonológico.

Além da perda vocálica, observa-se a mudança no modo de /b/ inicial em \*búdà que se torna /v/, possivelmente devido à fricativização em posição intervocálica. Segundo (Maddieson; Sands 2019, p. 296), nas línguas Bantu o sistema tonal é rico e podem mudar para harmonizar com a nova estrutura fonológica. Diante disso, em \*Ñ-búdà → ñ-vùl, os tons baixos de \*Ñ-búdà são preservados em ñ-vùl. E em \*dù-kúni →

---

<sup>26</sup> Algumas línguas bantu desenvolveram estruturas de sílabas adicionais, geralmente pela perda de vogais ou consoantes ou por meio de empréstimos. A maioria das vogais do final da palavra foi perdida no Ruwund L53, cujas sílabas do final da palavra, portanto, geralmente terminam em uma consoante, por exemplo, \*Ñ-búdà, \*dù -kúni > ñ-vùl 'rain,' rú-kùŋ 'firewood'. **(tradução nossa)**

*rú-kùŋ*, os tons altos e baixos se redistribuem para refletir a estrutura prosódica na nova estrutura.

Em terceiro lugar, observa-se ainda, em *\*dù-kúni* → *rú-kùŋ*, a transformação de *\*-ni* em uma nasal palatalizada /*ɲ*/, que é comum nas línguas africanas.

Isso mostra o compartilhamento de algumas características fonológicas entre as línguas pertencentes a famílias diferentes bem como os possíveis processos envolvendo estruturas reconstruídas (\*) e aquelas atualmente observadas.

### 3 HISTORICIDADE DO CANDOMBLÉ E ASPECTOS LINGUÍSTICOS

Neste capítulo, serão abordados os estudos de Castro (1983), Costa Neto (2006), Parés (2015), Prandi (2012) e as teorias sobre línguas em contato de Keene (1997), Mufwene (2008), Petter (2018, 2015), Samarin (1987), Thomason e Kaufman (1988) e a relação dos aspectos culturais da linguagem segundo a teoria de Geertz (2008) para a comunidade.

#### 3.1 Formação de uma religião com identidade afrobrasileira

O candomblé é uma forma de resistência de um povo que foi oprimido e hostilizado por conta de suas origens. A história das religiões de matriz africana permite (re)lembrar os antepassados em África, por meio do desenvolvimento dessa religiosidade que traz uma cultura que, ainda hoje, é estigmatizada. Nesse sentido, a ritualística, a língua, as vestimentas, as rezas e modo de vida do indivíduo no interior da comunidade do candomblé são sinônimos de resistência e ensinamento.

##### 3.1.1 Sobre o candomblé

Com o surgimento do candomblé, o contexto social (pós-escravidão) proporcionou uma realocação da população negra no meio urbano, acarretando na marginalização dessa comunidade, assim como a perseguição de adeptos de religiões de matriz africana.

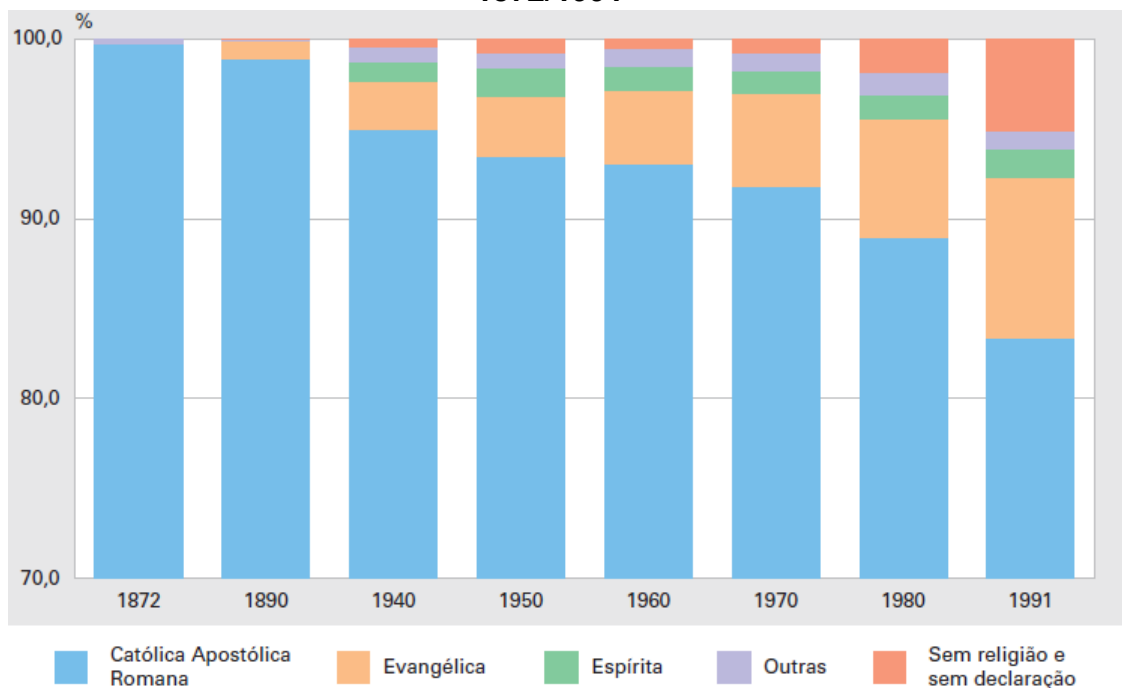
No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010, p. 88) fez um levantamento de como a população se denominava por religião nos anos de 1991, 2000 e 2010, sendo que no ano de 1991 não há contagem de pessoas que se declaram afroreligiosas. Sobre o ano de 1991, um documento um relatório do IBGE explica que:

No Censo Demográfico 1991, foram registradas mudanças expressivas na composição religiosa da população brasileira, notadamente, o crescimento do segmento populacional que se declarou evangélico, o qual passou de 6,6% para 9,0% do total da população no período de 1980 a 1991, com destaque para os evangélicos pentecostais que cresceram de 3,2% para 6,0%. Neste interregno, o segmento católico, embora majoritário, deu continuidade à

tendência de declínio, perfazendo 83,0% dos residentes (...) (IBGE, 2010, p. 88)

Na afirmação acima, percebe-se que houve um crescimento dos indivíduos autodeclarados evangélicos pentecostais, por causa da inserção desses grupos no Brasil, acarretando assim o crescimento das dissidências cristãs protestantes. Isso é atestado no gráfico 1, entre os anos de 1890 e 1991:

**Gráfico 1 - Percentual da população residente, por grupos de religião Brasil - 1872/1991**



Fonte: IBGE, 2010, p. 90

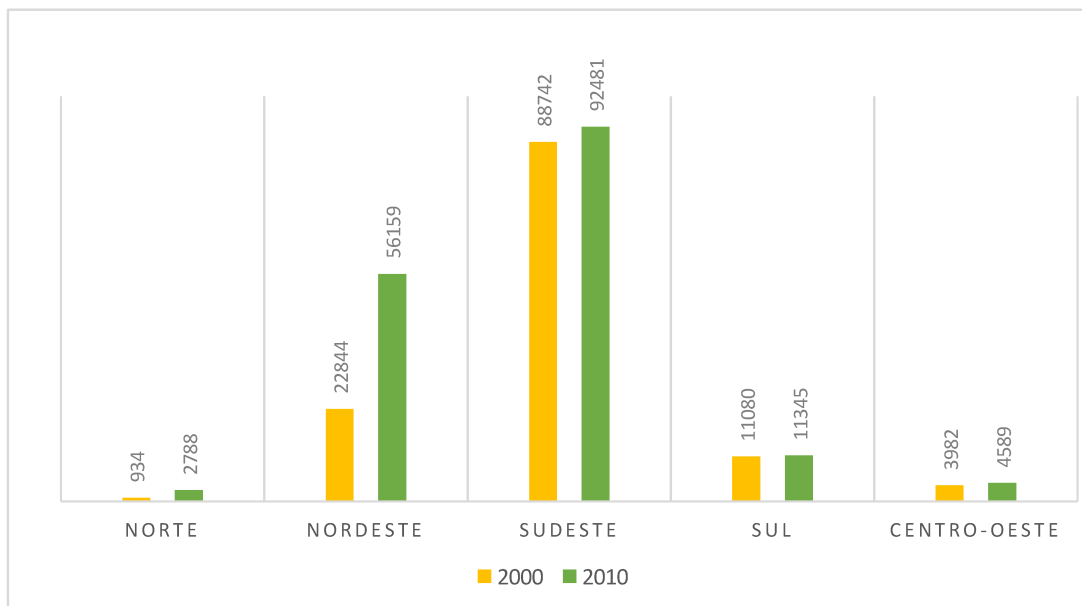
Outro detalhe a ser observado é sobre as razões pelas quais esses números não eram contabilizados. Em primeiro lugar, foram atribuídos, nos censos mais antigos, termos genéricos às religiões de matriz africana, como Candomblé e Umbanda, incluindo-as em “Outras religiões”, o que tornava impossível identificar os dados específicos dessas manifestações. Diante desse contexto, o IBGE refinou progressivamente a metodologia de coleta de dados ao longo dos anos, pois, até o início de 2000, não era evidente a preocupação em detalhar religiões minoritárias.

A invisibilidade social e discriminação também possibilitou, historicamente, a disseminação e preconceito no Brasil. Isso pode ter levado muitas pessoas a não se identificarem como praticantes dessas religiões por receio de estigma ou retaliação social. Esse fato reflete com o contexto social presente naquele ano, 1991, em que o

Brasil vivia o início do processo de redemocratização em que questões de identidade cultural e religiosa ganhavam espaço, embora sem prioridade a assuntos relacionados a políticas públicas e quantificação do censo.

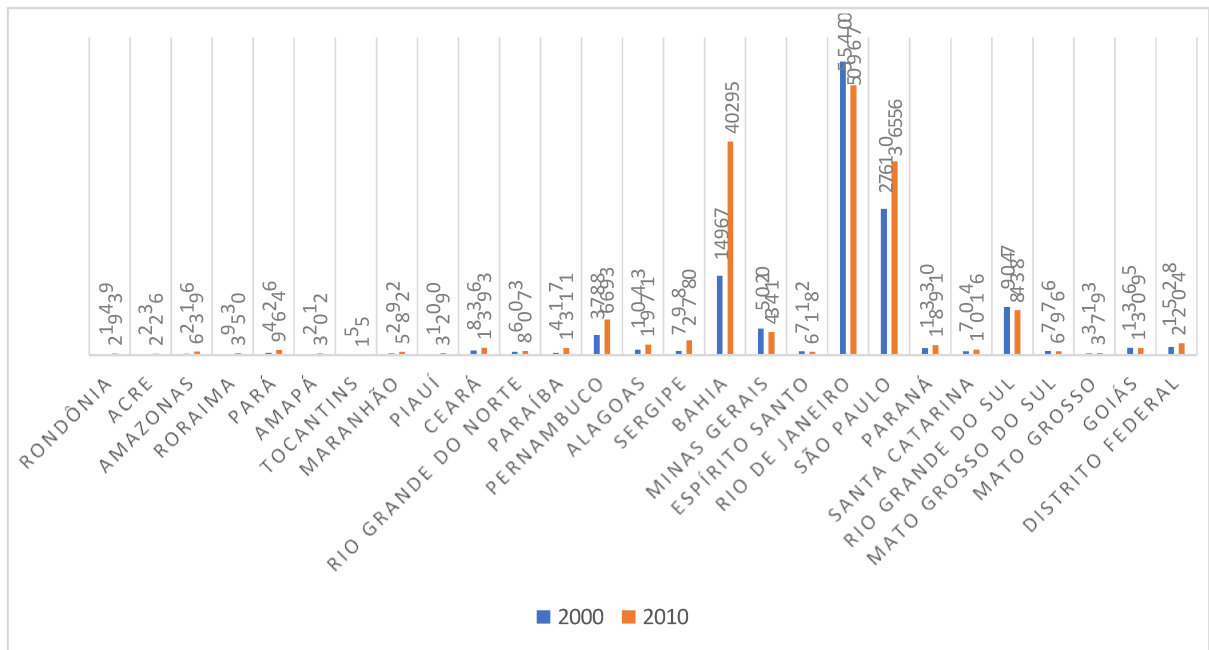
Dessa maneira, houve, nos anos subsequentes, um detalhamento nos dados referentes à denominação religiosa dos indivíduos, bem como o número de sujeitos pertencentes às religiões consideradas minoritárias. Assim, como exposto no gráfico 2, nos anos de 2000 a 2010, conta-se com a primeira estimativa populacional do IBGE para os adeptos do Candomblé no Brasil.

**Gráfico 2 – Número de candomblecistas nos anos de 2000 e 2010 por região**



Fonte: IBGE, 2010

A concentração de adeptos por Estados pode ser explicada pela concentração populacional afrodescendente e pelo processo de migração desses indivíduos para outras regiões do Brasil, como mostra a historiografia brasileira pós-escravagismo. Observa-se que os Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia possuem um maior número de candomblecistas no Brasil nos referidos anos, haja vista que, historicamente, a presença da população negra no Brasil predominou nessas Unidades Federativas, por terem sido sedes (Bahia e Rio de Janeiro) da capital brasileira e permanência da família Real portuguesa no Brasil ou por terem sido aqueles com maior fluxo de comercialização de africanos escravizados durante o período do Brasil Colônia.

**Gráfico 3 – Número de candomblecistas nos anos de 2000 e 2010 por Estado**

Fonte: IBGE, 2010

Outro ponto a ser observado está relacionado a questões sociais como o fluxo migratório de populações para outros Estados. Em algumas regiões, esse fato se deu pelo fato de muitos indivíduos negros terem sido “expulsos” dos grandes centros urbanos para áreas abastadas em busca de moradia e emprego.

Dessa forma, em um aspecto sociogeográfico, esses indivíduos “empurrados” para um território abastado dos centros econômicos tiveram que desenvolver formas para sua subsistência e (sobre)vivência quer seja social, econômica e subjetivamente. Em certas situações, a religião foi uma maneira de (re)aproximação dos indivíduos negros aos aspectos culturais de antepassados africanos.

O candomblé, a partir de então, dividiu-se em nações para a alocação e a manutenção de cada grupo étnico em suas respectivas culturas. Parés (2015, p. 101) salienta que “como acontece até hoje no Candomblé, as nações se *dividiram* e se diferenciavam por meio de diversos elementos rituais como língua, canto, danças e instrumentos, especialmente os tambores.”

Essa “separação” não foi feita de forma aleatória, mas sim considerando o povo que reproduziu suas ritualísticas através de suas cantigas utilizando seu dialeto,

portanto, as características da língua ritual, através das cantigas, é um elemento primordial para a classificação dessas comunidades.

Atualmente, dentro do culto, não há uma separação por nação, haja vista que um adepto pode iniciar em uma nação e dar prosseguimento a suas obrigações em uma outra nação. Isso fomenta ainda mais a fluidez e o processo de variabilidade dentro da comunidade. Logo, Parés pontua que:

Essa flexibilidade levou a um grande ecletismo, sendo frequente um terreiro identificar-se com várias nações hipoteticamente exclusivas (i.e. nação ketu-angola-caboclo). Hoje, também é comum um terreiro identificar-se com a nação das casas “tradicionais” socialmente mais visíveis e prestigiadas (i.e., ketu), independentemente de qualquer vínculo ritual de iniciação. Cada vez mais, a categoria de nação é utilizada de forma ideológica, **como uma estratégia que responde a interesses de legitimação social** e através da qual o grupo pode estabelecer alianças com congregações prestigiosas ou dinâmicas de contrastes com congregações concorrentes (Parés, 2015, p. 101, **grifo nosso**)

Os adeptos no candomblé desenvolveram estratégias para a sua legitimação e uma dessas foi a língua atrelada às cantigas em cada “casa”/terreiro. Dessa forma, o candomblé permitiu a reconstrução e a transmissão das línguas africanas por meio de elementos repassados pelos antepassados. Mas, afinal, essas línguas podem possuir características linguísticas diversas daquelas faladas na África, considerando a história dos povos africanos no Brasil? Ou deve-se observar traços de línguas africanas nos dialetos falados nos terreiros? Sobre esses dois pontos, Costa Neto aponta para a necessidade de uma descrição dessas línguas em solo brasileiro, pois:

far-se-á necessário estabelecer normas de grafia como fonética, uma vez que, para a presente pesquisa é recomendável conhecer origens, aspectos fonéticos e sintáticos das línguas sob investigação. Os grupos linguísticos Quimbundo, Iorubá e Éwe, que são apontados como de maior influência no Português no Brasil. Vê-se hoje largo emprego do léxico em rituais de Candomblé, tanto de origem banto, como nagôs e jejes. (Costa Neto, 2006, p. 3)

De fato, o conjunto de línguas introduzidas no país possibilitou uma mistura entre as línguas africanas para os falantes nos templos. A partir dessa mistura, o surgimento de uma nova forma de pronúncia e escrita proporcionou a algumas comunidades quilombolas, no contexto das práticas religiosas afro-brasileiras, certas características linguísticas que ainda são percebidas como adequação fonológica e ortográfica ao novo contexto de uso da comunidade.

### 3.2 – A(s) identidade(s) linguística(s) no candomblé: o contato entre línguas africanas no culto

Dentro do culto das divindades africanas, o uso da língua é de suma importância para os adeptos, haja vista que a noção “a palavra tem poder” é ratificada em cada um dos rituais. Eles, de certa maneira, estão ligados ao poder discursivo-antropológico dentro da comunidade.

Logo, esta seção discorrerá sobre a influência das línguas dentro das religiões como forma de afirmação social. Assim, as transformações linguísticas inseridas na comunidade possuem interessantes características para o conhecimento e aceitação dos indivíduos.

#### 3.2.1 – Sobre a(s) língua(s) falada(s) no(s) terreiro(s)

Para esta pesquisa, torna-se, inicialmente, interessante apresentar o inventário fonético das línguas africanas para compreender quais processos fonológicos influenciaram o processo variacional dessas línguas no candomblé. Logo, Xavier propõe um quadro geral das consoantes das línguas africanas em solo africano, separando-as em “labial (/p/, /b/, /m/, /f/, /v/), dental/alveolar (/t/, /d/, /n/, /s/, /z/, /l/, /r/), pós-alveolar (/ç/, /j/, /ɲ/, /ʃ/, /ʒ/) e velar (/k/, /g/, /ŋ/, /h/)” (Xavier, 2015, p. 98). Esse inventário geral das línguas africanas propõe um olhar amplo dos sons que podem pertencer às línguas na África. Esse sistema fonético muda, a partir do momento que há o deslocamento dos falantes desse continente para o Brasil. O contato com um novo sistema – o português brasileiro – viabiliza observar as várias reformulações que foram desenvolvidas no sistema fonético da nova língua, assim com ajuda a compreender o desenvolvimento da língua nagô no Brasil. Ainda sobre o contato das línguas africanas no Brasil, Petter (2015, p. 243) afirma que:

os vocábulos de origem africana adaptaram-se à fonologia, morfologia e sintaxe do português. No nível fonológico, em que línguas africanas apresentam sistemas consonantais mais diversificados, como consoantes labiovelares (kp, gb) e pré-nasalizadas (mp, nd etc.), por exemplo, houve redução dos segmentos. No caso das pré-nasalizadas, a nasalização desapareceu ou foi transferida para a vogal adjacente (...)

Nessa perspectiva, as línguas trazidas ao Brasil pelos negros africanos escravizados legaram muitas palavras ao PB, como, por exemplo, abadá, caçamba, cachaça, cachimbo, caçula, miçanga, cafofo, zumbi, sacana etc. No mesmo sentido, promoveu a mistura entre tais línguas, a partir do contato entre falantes de diferentes línguas. Nesse viés, houve uma mistura entre as línguas que pode ocasionar um questionamento sobre a proveniência das línguas usadas no candomblé.

Nas palavras de Mufwene (2008, p. 12) esses processos de variação (motivadas por contato) é comparada à teoria evolucionista de Darwin, no qual as línguas possuem ambientes propícios para sua evolução, acarretando, de certa maneira, adequações estruturais. A visão de Schleicher, que seria o precursor dos estudos sobre contato ainda no seio da linguística histórica-comparativa:

(...) covers notions such as "variation", "selection", "life of languages" (as new language varieties emerge and some of the current ones die), "gradual development" from the most "primitive" to more advanced and complex stage, "genus"/"family", and "species" (...). He also remarks that confusion on whether a language variety should be identified as a language or as a dialect is parallel to what Darwin report about identifying a class of biological organisms as a species or a subspecies.<sup>27</sup>

Essa relação entre a variação da língua e a Teoria evolucionista de Darwin se torna interessante, quando se percebe, primeiramente, a língua como um elemento vivo dentro de uma comunidade. Entretanto, essa construção de elementos linguísticos dentro de uma comunidade possibilita traços peculiares do novo sistema no ambiente por ela compartilhado. De fato, o indivíduo é agente fundamental nessa adequação e (re)organização no novo sistema.

Em um estudo desenvolvido por Ladefoged (1968), o autor explica que, em algumas comunidades de fala, "many of the pairs of sounds represented by adjacent symbols form contrast which are hard for European observers to distinguish"<sup>28</sup>(Ladefoged, 1968, p. 3). Dessa maneira, há traços fonéticos, sob influência de critérios fonológicos (articulação, assimilação, nasalização etc.), que são adaptados

<sup>27</sup> Ele aborda noções como "variação", "seleção", "vida das línguas" (à medida que surgem novas variedades de línguas e algumas das atuais morrem), "desenvolvimento gradual" do estágio mais "primitivo" para o mais avançado e complexo, "gênero"/"família" e "espécie" (...) Ele também observa que a confusão sobre se uma variedade de idioma deve ser identificada como um idioma ou como um dialeto é paralela ao que Darwin relatou sobre a identificação de uma classe de organismos biológicos como uma espécie ou uma subespécie. **(tradução nossa)**

<sup>28</sup> Muitos dos pares de sons representados por símbolos adjacentes formam um contraste difícil de ser distinguido pelos observadores europeus. **(tradução nossa)**

para que tais características fonéticas possam estabelecer distinções fonológicas de determinado contexto de comunicação.

Isso decorre do contato entre os sistemas linguísticos como forma de facilitar e desenvolver mudança. Portanto, as estruturas linguísticas construídas nas comunidades do candomblé possibilitaram alocações, deslocamentos, simplificações e mudanças das línguas emergentes. Esse fato, de acordo com Thomason e Kaufman, pode proporcionar problemas para a organização nas sentenças:

First, there are simplificatory changes that result from the learners' failure to learn TL (true language) structure that are more complicated than functionally corresponding structures in the shifting speakers' original language. (...) Most purely syntactic interference seems to involve simple replacement, neither simplificatory nor complicating; this is particularly true of word order changes, e.g. SVO to SOV or vice versa. (Thomason e Kaufman, 1988, p. 129)<sup>29</sup>

Dessa forma, quando um falante de uma língua difundida nas comunidades de matrizes africanas entra em contato com falantes de outras línguas, há adequações proporcionadas para proporcionar a assimilação de um novo sistema linguístico.

O papel das línguas africanas na formação do português brasileiro é controverso entre os linguistas, pois muitos afirmam que sofreram um processo de criouliização, como Guy (1981, 1989), Holm (1987, 1992) e Ferreira (1969), enquanto outros negam essa teoria, a citar Naro (1973; 1978; 1993; 2007), Bonvini (2008), Tarallo (1993). Atualmente, as duas explicações são bastante questionadas, considerando os elementos metodológicos de cada processo. Logo, a criouliização precisa de estudos mais aprofundados para uma possível comprovação ou refutação.

Após séculos de empréstimos originados de línguas africanas e europeias, há um conflito no que se refere à caracterização linguística nas nações (Jeje, Quetu e Angola), ou seja, qual língua seria predominante ou qual seria a língua de base dentro dos cultos afro-brasileiros. Vale lembrar que as línguas principais (Iorubá, Fongbe e quimbundo (Bantu) usadas no candomblé são umas das poucas remanescentes das línguas africanas trazidas ao Brasil. Com a “mistura” entre as línguas africanas dentro

---

<sup>29</sup> Primeiro, há mudanças simplificadoras que resultam do fracasso dos usuários em aprender a estrutura da TL (língua verdadeira), que são mais complicadas do que as estruturas funcionalmente correspondentes no idioma original dos falantes que estão mudando. (...) A maior parte da interferência puramente sintática parece envolver uma simples substituição, nem simplificadora nem complicadora; isso é particularmente verdadeiro no caso de mudanças na ordem das palavras, por exemplo, de svo para sov ou vice-versa. **(tradução nossa)**

dos terreiros, essas línguas acabaram por adquirir novas formas. Entretanto, esse assunto foi pouco explorado, como destaca Margarida Petter (2018, p. 200):

No Brasil, a pesquisa sobre as línguas africanas sempre esteve associada à busca de explicações para as diferenças entre o português brasileiro (PB) e o europeu (PE). Em consequência, as línguas africanas foram sempre coadjuvantes de uma investigação em que o foco não era a língua falada por africanos e afrodescendentes, cuja expressão linguística foi raramente registrada.

Nesse mesmo artigo, a autora explica que tais estudos foram propostos por pesquisadores estrangeiros que aqui estiveram e fizeram um levantamento dos falares dos africanos escravizados. Entretanto, não contaram com a atuação do negro-africano como falante ativo no desenrolar dos acontecimentos nem procuravam entender os fatos relevantes de ordem socioeconômica e de natureza linguística que favoreceram o “apagamento” ou exclusão de componentes africanos nesse processo.

Na história brasileira, o “apagamento” das línguas africanas se deu ao desenvolvimento socioeconômico possibilitado pela vinda de portugueses por causa das lavouras de cana de açúcar ou a exploração de minérios, especificamente o ouro. Segundo Lucchesi (2009, p.40) afirma que:

O avanço da língua portuguesa no território brasileiro — seja em sua variedade nativa, veiculada pelos colonos brasileiros, seja na variedade defectiva, falada pelos escravos africanos e seus descendentes crioulos — dá-se primordialmente sobre uma base socioeconômica, com a expansão das lavouras de açúcar no século XVII e, sobretudo no século XVIII, com o grande ciclo das minas, cujo manancial extraordinário de riqueza teve um impacto sobre toda a economia mundial.

Diferentemente ao que aconteceu com as línguas indígenas no governo de Marques de Pombal, as línguas africanas trazidas foram reformuladas ao passo que o desenvolvimento de novas formas econômicas crescia no Brasil. Dessa maneira pensar no “apagamento” de línguas não europeias – como as africanas – é necessário observar alguns fatores, como o crescimento populacional, o desenvolvimento socioeconômico e a interação entre os indivíduos com o português, pois a dinâmica entre as línguas africanas com o português possibilitou na formação da língua nagô.

Com o passar dos anos, falantes da nova língua em contato no Brasil se diluíram dentro dos cultos presentes nas diversas nações do candomblé e outras religiões de matriz africana. Prandi esclarece, assim, que, mesmo com a dissociação

dos grupos, ainda houve uma invenção dos aspectos culturais originais em cada nação. Logo,

a religião dos escravizados se reproduziu parcialmente, no Novo Mundo, devido ao fato de muitas famílias e grupos sociais africanos terem sido desarticulados durante distribuição destes sujeitos no território brasileiro, desta maneira o culto aos ancestrais que no continente africano era realizado pelos bantos, yorubas e fons, nunca puderam ser efetivados na sua forma original, uma vez que se fundam nas famílias e em linhagens esfaceladas pelo tráfico. (Prandi, 2012, p. 35)

Dessa maneira, pensarmos uma originalidade social, linguística, cultural dentro dos cultos afroreligiosos é, sumariamente, equivocado, haja vista que, de acordo com Petter e Cunha,

Os africanos cativos, que já viviam o multilinguismo na África, tiveram nos portos de embarque e na viagem uma nova experiência linguística com o plurilinguismo brasileiro, que acrescentava ao repertório de línguas africanas a língua portuguesa dos senhores. Essa situação poderia explicar a adoção de uma língua veicular africana (o quimbundo, no caso de africanos oriundos da área banta) ou do emprego da língua portuguesa. (Petter e Cunha, 2015, p. 226)

O fato do uso de outras línguas no ritual do candomblé prova que o contato entre as línguas, durante o processo de escravização, possibilitou a adoção de uma língua que permitisse a comunicação de seus integrantes, tendo como consequência a pluralização e variação das línguas dentro do culto.

Para exemplificar esse multilinguismo, pode-se citar as denominações utilizadas para se referir ao nível hierárquico entre os neófitos (dofono, dofonitinho, famo, famotinho etc.). Essa hierarquia possui proveniência da língua fon do povo jeje, mas é também reconhecida pelas demais nações.

Em contrapartida a essa adoção de outros dialetos no interior do candomblé, a língua africana é (pelo menos deveria ser) repassada aos seus iniciados do candomblé. Entretanto, muitos de seus adeptos não possuem um conhecimento acadêmico sobre as questões linguísticas para isso.

Vale ressaltar que o iorubá é a língua de presença mais expressiva dentro dos templos, então Petter (2006/2007, p. 64) reitera a importância que essa língua possui dentro dos cultos afroreligiosos.

A respeito do “nagô ou iorubá” afirma ser a língua mais falada na Bahia “tanto pelos velhos africanos, de todas as origens, quanto por um grande número de crioulos e de mestiços” (p. 132). Destaca o fato de que o nagô é a língua religiosa do culto “jeje-iorubá” (candomblé) e reproduz três cânticos com tradução (Bonvini e Petter, 1998: 76).

Já que o iorubá é a língua mais expressiva, atualmente, essa afirmação não se sustenta, haja vista que as migrações dos povos africanos para os Brasil levaram uma diversidade linguística na religião do candomblé, logo questiona-se: qual(is) língua(s) possui(em) influência(s) nos sistemas linguísticos nas nações do candomblé?

Com a inserção de outras línguas em contexto do candomblé, desenvolveram-se a língua nagô com o inventário das consoantes, como mostra o quadro 6 abaixo:

**Quadro 6 – Inventário consonantal das línguas nagô brasileira**

	Bilabial	Lábio dental	Dental e alveolar	Alveo-palatal	Palatal	Velar E Labiovelar	Glotal
Oclusiva	p b		t d			k g	
Africada				tʃ dʒ			
Fricativa		f	s z	ʃ ʒ		x	
Nasal	m		n		ɲ		
Tepe			r				
Vibrante							
Lateral			l				

Fonte: Nogueira (2008, p. 88)

No quadro 6, observa-se uma semelhança com o inventário consonantal do português brasileiro. Sobre o quadro vocálico Nogueira (2008, p.88), em sua pesquisa, não fez uma análise fonética dos sons vocálicos, pois “o fato das vogais do nagô, orais e nasais manifestarem-se como fonemas vocálicos do português”.

Petter (2006/2007) ressalta que a “nova língua” presente nos terreiros possui variações que perpassam questões extralinguísticas (idade, hierárquica, idade de iniciação e o cargo que a pessoa exerce), por exemplo, pessoas mais antigas na religião possuirão distinções na hora da pronúncia de certos termos, assim como a escrita de alguma palavra. Por isso, Petter (2005, p. 211) reforça que:

As línguas negro-africanas, transplantadas para o Brasil há quase quinhentos anos, permanecem hoje sob a forma de línguas especiais, ou seja, como modos de falar próprios de uma faixa etária ou de um grupo de pessoas dedicadas a atividades específicas, de acordo com a formulação clássica estabelecida por Van Genep (1908).

Nesse modo, as comunidades tradicionais de matriz africana possuem um repertório linguístico bastante diversificado ligado à vivência dos grupos (*povo do santo*), cuja transmissão se dá, via de regra, através da oralidade.

### 3.2.2 A língua como processo litúrgico

As línguas do candomblé são línguas religiosas, ou seja, utilizadas para fins litúrgicos, e diferem das línguas usadas em situações comunicativas/dialógicas.

Uma língua utilizada para fins religiosos também pode sofrer variação e mudança, haja vista que a funcionalidade dessa seria a conexão de um grupo ao sagrado, a partir da ritualística presente na religião de uma comunidade. Entretanto, a diferença fundamental está pautada em limitações nas estruturas em nível sintático ou em nível morfológico. Esses níveis, de acordo com Samarin (1987, p. 87) apresentam estruturas simples e “(...)are pseudolanguages. Glossolalia is such an effective initiation symbol<sup>30</sup>”. O autor compara tais línguas com pidgins por possuírem maior acessibilidade lexical, logo a língua se torna acessível ao indivíduo.

No caso das línguas africanas ritualísticas no Brasil, sua função é o ensinamento de uma cultura, bem como a sobrevivência e manutenção desta. A partir disso, o falante utiliza de características linguísticas da sua língua materna para suprir alguma lacuna observada no uso de uma língua desconhecida utilizadas em uma situação específica. De acordo com Samarin:

It is axiomatic to our approach that speakers of all languages, according to the patterns of their respective speech communities, have many ways of speaking that require selection, according to what – in a given setting – may be obligatory or more appropriated. (Samarin, 1987, p. 85)<sup>31</sup>

<sup>30</sup> (...) são as pseudolinguagens. A glossolalia é um símbolo de iniciação muito eficaz. (**tradução nossa**)

<sup>31</sup> É axiomático para nossa abordagem que os falantes de todas as línguas, de acordo com os padrões de suas respectivas comunidades de fala, têm muitas maneiras de falar que exigem seleção, de acordo com o que - em um determinado cenário - pode ser obrigatório ou mais apropriado. (**tradução nossa**)

Dessa maneira, os falantes, a depender de situações, podem adaptar sua fala para que haja a comunicação. Diante disso, adaptações fonológicas são comuns, considerando o contato entre as línguas.

Segundo Jakobson (1962, p. 232), a percepção das características fonológicas de uma língua não ocorre de forma aleatória, pois, como mencionado acima, os indivíduos farão suas adequações em seus sistemas de contato. Logo, o autor explica, tendo como referência a fonologia histórica, que:

In contradistinction to traditional historical phonetics, historical phonology is based on the following principle: a) no sound change can be comprehended without reference to the system which undergoes that change; b) each change in a phonological system is purposeful. <sup>32</sup>

A compreensão de variação ou mudança de uma língua deve estar atrelada ao conjunto de características fonético-fonológicas da língua que sofreu o fenômeno de variação e esses processos precisam ser também intencionais como forma de preservação do sistema de referência. Nessa perspectiva, cabe aqui a afirmação de Labov (2008, p. 19-20) de que:

Essas variações podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja como as **características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo. (grifo nosso)**

Nesse aspecto, no estudo das línguas em situação de contato, dentro de uma comunidade nova, não se deve desconsiderar os aspectos individuais de cada falante dessa religião, portanto é importante perceber que a manifestação dos sons possuirá variações. Um exemplo disso ocorre na manifestação das consoantes complexas /k̂p/ e /ĝb/ que apresentam particularidades de pronúncia, uma vez que o português não apresenta sequência sonoras semelhantes a essas. Diante disso, imagina-se que o falante ou assimilará as consoantes velares [k] e [g] ou inserirá uma vogal epentética em [kip] e [gib], em conformidade com os processos fonológicos do português.

Vale ressaltar que as particularidades de cada línguas ratificam a identidade de uma determinada comunidade, ou seja, contribuem para a construção da

---

<sup>32</sup> Ao contrário da fonética histórica tradicional, a fonologia histórica baseia-se no seguinte princípio: a) nenhuma mudança sonora pode ser compreendida sem referência ao sistema que sofre essa mudança; b) cada mudança em um sistema fonológico é intencional. (**tradução nossa**)

identidade de um grupo. Da mesma forma, os indivíduos particularizam a língua a partir de seu estilo de fala, escolhas lexicais e influências socioculturais. Oliveira e Souza (2016, p. 8) afirmam que:

Essa diferenciação não se dava a nível somente africano versus europeu, mas a africano versus africano, a partir de língua, canto, dança e instrumentos. Portanto, apesar de os grupos dominantes não darem liberdade de culto (na verdade nenhum tipo de liberdade) aos africanos, os europeus sabiam que se tratava de povos com características culturais próprias e que, por conseguinte, não eram grupos homogêneos. Com isso, “a dinâmica dialógica de diferenciação étnica” (Parés, 2006, p. 101) entre os grupos africanos persistia.

Nessa perspectiva, a preservação de dialetos africanos, no Brasil, caracterizou-se pela resistência social de uma população que aprendera a diversidade e adequara a uma realidade linguística nova. Isso, mais adiante, tornaria a identidade linguística traço fundamental para cada grupo, dividindo-o, no contexto religioso, em nações. Como afirma Pessoa de Castro (1983, p. 83):

Esses elementos do sistema - crença, modo de adoração e "língua"-estão de tal maneira estruturalmente associados que um dos critérios de categorização marcante na divisão dos candomblés em "nações" que se dizem jeje, mina, nagô, queto, ijexá, congo ou angola, está nas diferenças de procedência meramente formais de um repertório linguístico de origem africana específico das cerimônias ritualísticas dos cultos em geral e de cada "nação" de culto em particular, ou seja, ewê ou jeje, mina; iorubá ou nagô, queto, ijexá, banto ou congo, angola. Em outras palavras, no sistema lexical africano sobre que se baseia a TR (Tradição Religiosa) específica de cada uma dessas "nações" há predominância de um vocabulário de base ewê, principalmente das línguas fon e ewê do Benin (ex-Daomé) e Togo, entre as que se denominam de jeje e mina, de base iorubá do Benin e da Nigéria entre as que se dizem nagô, queto e ijexá; de base banto entre as conhecidas por congo e angola.

Como aponta a pesquisadora Pessoa de Castro, cada nação possui suas características ritualísticas particulares advindas de alguma região da África, conferindo às religiões de matriz africana a divisão em “nações”, sendo essas generalizadas, linguisticamente. Como exemplo, a autora cita que algumas nações possuem predomínio de palavras de línguas fon e ewê, outras do iorubá. Isso proporciona a interrelação das línguas de várias regiões na África dentro dos cultos das religiões de matriz africana.

No Brasil, observa-se que, atualmente, línguas africanas são utilizadas em contexto, unicamente, de preceitos ritualísticos, pois os interactantes não a utilizam fora desse contexto. Como acrescenta Castro:

Tal repertório, do domínio religioso comum, torna-se lenta e inconscientemente diferenciado pelos membros e adeptos dos cultos entre várias "nações" pelo fato de ser habitualmente usado por essa ou por aquela "nação" de candomblé.

São palavras que descrevem a organização sociorreligiosa do grupo, objetos ritualísticos e sagrados, cozinha ritualística, cânticos, saudações e expressões referentes a crenças, costumes específicos, cerimônias e ritos mágicos, todas apoiadas em um tipo consuetudinário de comportamento bem conhecido dos participantes desses cultos por experiência pessoal. Nesse vocabulário, de estrutura ligada a certas formulações simbólicas, não há metáforas, sinonímia precisa, pois cada "palavra-de-santo" é mantida dentro da fidelidade ritual do apelo, da denominação dos referentes. (Castro 1983, p. 83)

As religiões utilizam a língua como forma de “trazer para mais próximos” seus adeptos, mas para que isso ocorra as formas linguísticas precisam estar em conformidade com as condições de produção de seus interactantes. Por isso, para Keene (1997, p. 52) “virtually any means, including changes in phonology, morphology, syntax, prosody, lexicon, and entire linguistic code can frame a stretch of discourse as religious<sup>33</sup>”. Então, para que haja aceitabilidade e compreensão de seus membros, essas estruturas linguísticas passam por “adequações”.

Para essa dissertação, isso se torna importante pois o fato de o candomblé ser uma religião cuja maioria dos ritos são cantados, percebe-se que, dessa maneira, há uma adequação nas línguas faladas nos terreiros ao português e outras línguas em contato, especialmente no plano sonoro.

Como afirmado anteriormente, o candomblé é uma religião iniciática cujos ensinamentos são passados dos mais velhos aos mais novos. Entre as formas de difusão de conhecimento estão as narrativas orais, as cantigas (objeto de estudo desta pesquisa) e as vivências dentro dos terreiros. No tópico seguinte, serão descritas as cantigas, chamadas de *àdùrà*.

### 3.3 As cantigas como forma de preservação linguística

As cantigas são um dos gêneros textuais (orais) usados nos cultos do candomblé e que foram responsáveis pela preservação linguística da comunidade africana no Brasil. A importância desse gênero está vinculada ao objetivo de repassar

---

<sup>33</sup> Praticamente qualquer meio, incluindo mudanças na fonologia, morfologia, sintaxe, prosódia, léxico e todo o código linguístico, pode enquadrar um trecho de discurso como religioso. (**tradução nossa**)

seus ensinamentos através da oralidade aos seus adeptos. Dentro do candomblé, essas cantigas se tornam importantes, pois permitem os ensinamentos mitológicos das divindades africanas, bem como seus ritualísticas subjetivas.

Cada cantiga é composta por versos e estrofes curtas escritas ao modo como foram ensinadas aos adeptos e, assim, são repassadas às futuras gerações. Essas cantigas participam, necessariamente, de práticas fundamentais dentro do culto com o desígnio de trazer energias das divindades para próximo da comunidade. Outro detalhe importante é o fato de ser através das cantigas que os sacerdotes “mais velhos” repassam os ensinamentos sobre a cultura africana, em todos os seus aspectos.

No candomblé, as cantigas, as saudações e as invocações – *àdùrà*, *ibà* e *oríkì*, respectivamente – são brevemente importantes, pois são a confirmação da presença de suas divindades entre os humanos. A primeira é considerada aquela que possui uma organização mais complexa em todos os níveis linguísticos (sintático, morfológico, fonológico e semântico), é, geralmente, cantada em festas públicas (chamadas, popularmente, de “candomblé”) por pessoas cujas funções são específicas, como cantar e tocar os atabaques, que são chamadas de ogans. Cada cantiga está estruturada em estrofes e versos longos, que “contam” as histórias das divindades. Enquanto os ogans iniciam os toques e cantam, os demais adeptos repetem cada um de seus versos.

As saudações são expressões linguisticamente simples que são proferidas, geralmente, pelo “pai ou mãe de santo” ou por pessoas que possuam algum grau hierárquico dentro da religião e não precisam de algum acompanhamento por instrumento musical. Semelhante às cantigas, possuem aspectos simbólicos da essência da divindade, o que também se observa nas invocações.

Antropologicamente, muitas comunidades utilizavam as cantigas como forma de repasse de seus ensinamentos e manutenção de sua cultura, pois, a partir dessas, os indivíduos mais jovens poderiam ter contato com os mais diversos aspectos sociais de sua vida social. Geertz afirma que as religiões utilizam símbolos para sua representatividade, o que extrapola questões estritamente antropológicas, permeando, também, os aspectos linguísticos. Por exemplo, segundo ele:

O número 6, escrito, imaginado, disposto numa fileira de pedra ou indicado num programa de computador, é um símbolo. A cruz também é um símbolo,

falado, visualizado, modelado com as mãos quando a pessoa se benze, dedilhado quando pendurado numa corrente, e também é um símbolo a tela “Guernica” ou o pedaço de pedra pintada chamada “churinga”, a palavra “realidade” ou até mesmo o morfema “ing”. Todos são símbolos, ou pelo menos elementos simbólicos, pois são formulações tangíveis de noção, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças. (Geertz, 2008, p. 68)

O candomblé, através das cantigas – que são elementos formadores desse simbolismo –, possibilita a manutenção de sua língua e seus costumes. Essa relação entre expressões linguísticas e processos culturais é importante para o reconhecimento de termos presentes em línguas, bem como as modificações estruturais das sentenças nas cantigas.

É possível que a língua usada em uma mesma nação não tenha como base uma única língua original, mas que seja composta por línguas pertencentes à mesma família linguística. Essa informação é confirmada por documentos históricos, assim como a maneira como os adeptos do candomblé utilizam a língua dentro de suas comunidades.

É importante ressaltar que há uma recorrência na existência de vários materiais impressos, virtuais e orais que contêm diferentes versões de uma mesma cantiga (ou mesmo ausência de alguma), refletindo a presença de variações de um mesmo material pelos mais variados indivíduos.

## 4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta dissertação de mestrado desenvolveu-se a partir das análises de dados colhidos em cantigas de candomblé escritas. Foi usada a compilação de Altair B. Oliveira, do ano de 2009, composta por um total de 376 cantigas da nação Ketu (de tradição iorubá). O material foi produzido e reproduzido no Rio de Janeiro, região Sudeste do Brasil. Este capítulo está dividido em: a) sobre o autor do livro, Altair B. Oliveira; b) sobre o material; e c) métodos de armazenamento e análise de dados.

### 4.1 Sobre o autor do livro, Altair B. Oliveira

Antes de uma breve explicação sobre o livro “Cantando para os orixás”, que serviu como fonte de dados para este estudo, não se pode deixar de fazer alusão ao escritor do livro, Altair Bento de Oliveira, conhecido como Altair Togun, cuja obra possibilitou o acesso ao material de análise.

Luiz Marins (2016) afirma que há um imenso empecilho para o compartilhamento do conhecimento adquirido durante o percurso na religião, pois muitos materiais disponibilizados para consulta e pesquisa possuem uma certa variação de pontos de vista e, até mesmo, de experiência da nação que o autor participa, proporcionando contradições sobre as fontes daquele acervo e monopólio de um conhecimento que visaria o conhecimento sobre outras nações. De acordo com o autor (2016, p. 2),

Tal comportamento sócio religioso é suportado pela maioria, mas não por alguns, que injetam nesta sociedade religiosa sofrida o fermento de revolta, quando não pelas ações, o fazem pela palavra escrita, através do compartilhamento das informações.

O não compartilhamento de informação contraria um dos paradigmas da própria religião, que é a passagem do conhecimento dos mais velhos aos mais novos através da oralidade. Nesse contexto, a figura de Altair Bento de Oliveira é importante para a perpetuação desse conhecimento milenar tanto para a comunidade interna quanto a externa ao âmbito religioso.

O escritor nasceu em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, em 1948 e faleceu em 14 de janeiro de 2012. Segundo Marins (2016, p. 4), o autor de “Cantando para os Orixás”:

Queria conhecer o iorubá. Mas não existiam professores, nem dicionários. Ele ia então lentamente garimpando as palavras, lapidando as frases, escupindo os textos, traduzindo para o inglês, depois para o espanhol, e finalmente chegando ao português.

Esse fato é importante, considerando que o século não propiciava o contato com o conhecimento que se tem hoje. Diante disso, o registro das manifestações linguísticas de uma comunidade possibilita uma conexão entre pesquisadores e os materiais para estudo. Ainda sobre a importância do material, Marins (2016, p. 5) menciona que Oliveira:

(...) foi o primeiro no Brasil a lançar um livro contendo músicas sacras com as letras em iorubá, sua fonética (pronúncia) e a tradução em português, anexando ainda 15 fitas cassete com um total de 15 horas de áudio dos respectivos 376 cânticos sagrados (...)

Por conta dessa importância da contribuição da publicação de um acervo gigantesco para futuros estudos sobre aspectos linguísticos e culturais a partir de questões ritualísticas internas (como as cantigas) da comunidade afrobrasileira, esse material reúne elementos que subsidiam um compilado de materiais para o conhecimento histórico através de um estudo etnográfico.

Do ponto de vista acadêmico, outro marco importante na vida de Altair B. Oliveira foi o convite para inaugurar o curso de “Iniciação à Linguagem Iorubá”, como professor convidado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) (Marins, 2016, p. 5)

Por fim, nas palavras de Marins (2016, p. 6), a pessoa de Altair Bento de Oliveira:

Não foi um mero tradutor. Seu trabalho assumiu uma importância singular, porque ao reparar os textos em iorubá e traduzi-los, garantiu automaticamente que a história dos Orixás, seus feitos, seus atributos e virtudes, assim como seus rituais, não fossem mutilados pelo tempo, nem pelos erros linguísticos.

O acervo criado por Altair Oliveira possibilitou, de certa maneira, a reunião, através de sua produção, entre as várias nações do candomblé. Essa reunião foi possível pela unidade cultural desencadeada por essa tradição: o amor às divindades. Amor esse que é (ou deveria ser) difundido e respeitado por todos os adeptos na religião.

Arelada à seriedade do material criado por Altair Oliveira está a sua relevância para os estudos de cunho linguístico, principalmente, no que tange às pesquisas referentes ao contato entre as línguas africanas no Brasil.

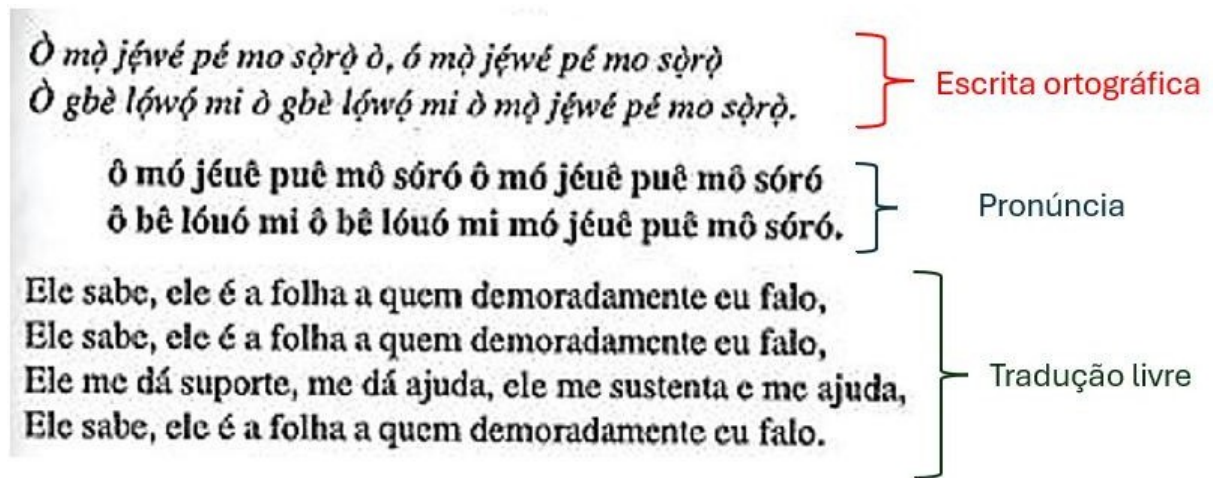
## **4.2 Sobre o material**

O livro “Cantando para os orixás” foi criado por Altair B. Oliveira, adepto do candomblé, que, por sua vivência na religião, decidiu fazer um compilado para a transmissão de seus ensinamentos. Tal livro foi anteriormente utilizado como referência por Silva (2009), em sua dissertação sobre “O canto de Oyá no candomblé Keto: um estudo dos aspectos culturais e etnomusiológicos”. A autora utiliza algumas cantigas presentes no livro de Altair Oliveira (*vide p. 114-20, cantigas 01 a 08*) para fazer uma relação entre de tipos de ritmos tocados no candomblé e as cantigas mencionadas para a divindade Oyá.

De acordo com a autora, o livro serviu como base para a confirmação das hipóteses de que há uma relação entre o espaço religioso, ritmos e os movimentos de dança das divindades em um espaço criado por pessoas (adeptos ou não), no qual a autora afirma que “(...) principalmente por constatar, em campo, que estas classificações se confirmaram dentro dos estudos de caso.” (Silva, 2009, p. 82). Isso reflete, por exemplo, a variabilidade na utilização do número de cantigas entoadas por alguns terreiros.

A composição do livro de cantigas de Oliveira facilita a análise da relação sonora com as representações gráficas das palavras, uma vez que é composto por escrita ortográfica, modo de pronúncia e tradução. Aqui, vale salientar que a representação adotada é não representa a escrita fonológica das palavras em cada sentença. Como mostra a composição do livro, observado na figura 1.

**Figura 1 – Composição do livro “Cantando para os orixás” de Altair B. Oliveira**



Fonte: Oliveira (2009)

O fato de se tratar de um material etnográfico, pois o autor coletou em campo as gravações das cantigas, é de suma importância para a análise das manifestações linguísticas do Candomblé. No prefácio do livro, Lody (1992, p. 7) afirma que “o livro de Altair neste panorama é um forte referencial nagô que chega de uma colheita etnográfica da vida religiosa do candomblé e quer guardar, preservar e, principalmente, informar sobre os textos sagrados e cantados para os orixás”.

Com isso, o grande valor desse material para a divulgação do conhecimento sobre o candomblé (e outras religiões de matriz africana) é crucial para amenizar a falta de descrições e o preconceito por parte das pessoas.

#### **4.3 – Métodos de armazenamento e análise de dados**

Na etapa 1 desta pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico de trabalhos sobre fonologia das línguas africanas, variação linguística, linguagem ritualística, religiões de matrizes africanas no Brasil e um levantamento das ferramentas a serem usadas para a análise dados, em especial o FLE<sub>x</sub> e o R. Resumidamente, o FLEX é uma ferramenta que auxilia na documentação e análise de línguas minoritárias ou pouco descritas. Ele é voltado especialmente para linguistas de campo e outros pesquisadores que trabalham com línguas indígenas, ameaçadas ou em processo de revitalização; já o *software R* possui o principal objetivo em análise estatística, visualização de dados e ciência de dados.

Na etapa 2, após esse levantamento, foi feita a avaliação das cantigas contidas no livro descrito na seção anterior. Nesse momento, também, houve o levantamento e comparação das cantigas presentes em outros trabalhos (Nogueira, 2008; Silva, 2009) com as do livro (Oliveira, 2009) para a observação do uso de uma mesma cantiga. Tais trabalhos são importantes para a validação dos dados contidos em Oliveira (2009). Todavia, destaca-se os dados avaliados em Nogueira (2007) correspondem a um conjunto restrito de palavras (58) do livro de Oliveira.

Na etapa 3, as cantigas foram alocadas no FLEEx. Essa catalogação foi feita, tendo como referência, dicionários de Iorubá. Também conhecido como *FieldWorks*, é um programa desenvolvido por *SIL international* para ajudar no gerenciamento de dados linguísticos e culturais obtidos em campo, da entrada inicial dos dados coletados até a preparação de dados para publicação, incluindo desenvolvimento de dicionários, interlinearização de textos, análise morfológica e outras publicações. Esse programa facilitou tanto a avaliação das palavras quanto as traduções das sentenças.

Percorrendo exaustivamente as cantigas, na etapa 4, foram interlinearizadas um total de 923 sentenças contendo 1044 palavras. Depois que essas sentenças foram glosadas no programa FLEEx, foi gerado, automaticamente, um dicionário com 631 léxicos classificados de acordo com suas classes gramaticais e associados a uma tradução livre. Ressalta-se que não foram encontrados os significados em 413 palavras.

Vale destacar, aqui, que foi preciso recorrer a ferramentas de buscas para reconhecer a origem e o significado de algumas palavras, como onomatopeias e os ideofones, pois frequentemente não estavam presentes em dicionários, por isso foi usado o buscador Google e gramáticas da língua Iorubá (Ọladele Awobuluyi (1978), Beniste (2021)). Uma ilustração desse procedimento é mostrada na figura 2.

Figura 2 – Interface do programa FLEEx, mostrando uma entrada da base de dados

The screenshot displays the FLEEx software interface, which is divided into several sections:

- Léxico:** A sidebar on the left containing navigation options like 'Editar Léxico', 'Procurar', 'Dicionário', 'Recoher Palavras', 'Dicionário Classificado', 'Edição de Entradas em N', 'Índices Reversos', and 'Edição de Entradas Rev'.
- Entradas:** A central table listing lexical entries. The table has columns for 'Palavra Encab.', 'Forma de Lexema', 'Glossas', and 'Info. Gramatical'. The entry for 'A' is highlighted, showing 'A' as the word, 'A' as the lexeme form, 'nós' as the gloss, and 'Pronome' as the grammatical information.
- Entrada:** A detailed view of the selected entry 'A'. It shows:
  - Forma de Lexema:** Yor **A**
  - Tipo de Morfema:** radical
  - Forma de Citação:** Yor
  - Formas Complexas:** (empty)
  - Componentes:** (empty)
  - Nota:** Por Eng
  - Mensagens:** (empty)
  - Significado 1:**
    - Glossa:** Por nós, Eng
    - Definição:** Por Pronome de 1ª pessoa do plural, Eng
    - Info gramatical:** Pronome
  - Variantes:**
    - Forma da Variante:** Yor **awá**
    - Etiquetas de Dialeto (Ent):** Variante Ortográfica
    - Exibir Entrada Menor:**
  - Alomorfos:** (empty)
  - Detalhes de Info. Gramatical:** Informação da Categoria: Pronome
  - Configurações de Publicação:** Publicar Entrada em: Main Dictionary

Fonte do autor

A figura 2 mostra a *interface* do programa e a visualização de algumas entradas lexicais de uma cantiga, como exemplo. Neste momento, a etapa 5 da pesquisa, foi feita a segmentação das sentenças de forma a evidenciar as palavras, os morfemas e os fonemas. Nessa mesma etapa, foram avaliadas, também, as variações dos léxicos.

Por meio deste procedimento, foram armazenadas as cantigas juntamente com suas traduções, como pode-se observar na figura 3.

Figura 3 – Interface do programa FLEx, mostrando a segmentação da cantiga<sup>34</sup>

The screenshot shows the FLEx software interface. At the top, there is a title bar with the text 'Texto' and a button 'Adicionar Palavras ao Léxico'. Below the title bar, there is a text input field with the title 'Cantiga para o Orixá Êsù' and the author 'Êsù'. The main window has several tabs: 'Informações', 'Texto base', 'Glossa', 'Analisar', 'Marcação', 'Visualização de Impressão', and 'Quadro de Textos'. The 'Analisar' tab is active, showing the segmented text of the song. The text is color-coded and accompanied by its morphological and grammatical analysis. For example, the first line is 'Olóónón e mo júbà', which is segmented into 'Olóónón', 'e', 'mo', and 'júbà'. The analysis for 'Olóónón' shows it is a noun (n) meaning 'Senhor de algo' (Lord of something). The analysis for 'e' shows it is an interjection (interj). The analysis for 'mo' shows it is a pronoun (pron) meaning 'Eu' (I). The analysis for 'júbà' shows it is a verb (v) meaning 'Prestar homenagem' (to pay homage). The interface also shows the original text in Yoruba and its translation into Portuguese.

Fonte do autor

Como mostrado na figura 3, na etapa 6, as cantigas foram divididas em versos e disponibilizadas com suas respectivas traduções e segmentação lexical bem como informações sobre função sintática, classes gramaticais e classificação linguística.

A etapa 6 é importante, portanto, para a observação dos fenômenos fonológicos e se são condicionados por aspectos sintáticos, morfológicos ou, puramente, fonológicos. Nesse momento, também, foram utilizados os dicionários Church missionary Society (1913); Milagres (s/d); Beniste (2021); de Jagun (2016); Olabiyi Babalola Yai (1996) para a verificação dos significados das palavras e possíveis variações. Para ajudar na segmentação das cantigas, utilizou-se as gramáticas produzidas por Ọladele Awobuluyi (1978), Beniste (2021) e Sociedade de Preservação de língua yorùbá no Brasil (2001).

<sup>34</sup>Disponível

[https://drive.google.com/drive/folders/1WNHLYPooptA55DglljNIVaGzxU4EdwtdC?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/drive/folders/1WNHLYPooptA55DglljNIVaGzxU4EdwtdC?usp=drive_link).

Uma vez feita a segmentação das expressões, concomitantemente, foi criado um minidicionário para auxiliar futuras pesquisas ou informar a comunidade do candomblé sobre o assunto, como mostra a figura 4:

**Figura 4 – Interface do dicionário<sup>35</sup> criado, a partir da inserção dos morfemas presentes nas cantigas**

The screenshot shows a web-based dictionary interface. On the left, there is a sidebar with navigation options: 'Léxico', 'Editar Léxico', 'Procurar', 'Dicionário', 'Recolher Palavras', 'Dicionário Classificado', 'Edição de Entradas em Massa', 'Índices Reversos', and 'Edição de Entradas Reversas em Massa'. Below this, there are icons for 'Léxico', 'Textos & Palavras', 'Gramática', 'Bloco de Notas', and 'Listas'. The main area is titled 'Main Dictionary Entradas' and 'Hybrid (complex forms as main entries and mini subentries)'. It displays a list of entries under various letters: 'A a', 'B b', 'E e', 'F f', 'I i', and 'J j'. Each entry includes a word and its definition in Portuguese. For example, under 'A a', there are entries for 'a₁ [a] pron', 'a₂ [a] interj', 'A [a] pron', 'à [pr] n', 'abo [pr] f', 'ago [pr] n', 'Àgo [ago] n', 'Al [pr] n', 'avo [a] n', and 'áyé n'. Under 'B b', there is 'Bara n' and 'bi v'. Under 'E e', there is 'e [interj]', 'eḱesan n', 'Eḱgbára [ele bara] n', 'éḱé n', and 'Èḱu [e /u] n'. Under 'F f', there is 'fún [fin] v'. Under 'I i', there is 'Ié n', 'ire n', 'Ire [ire ~] n', and 'Íḱé [i] v'. Under 'J j', there is a tilde '~'. At the bottom of the interface, there is a status bar showing the date '25/Mar/2024 03/Apr/2024', the file name 'Fla: (-/-/-) Nenhum Analisador Carregado', and a green button labeled 'Ordenado por Leteime Form'.

Fonte do autor

Na etapa 7, após o levantamento e tabulação dos dados, foi realizada, primeiramente, uma revisão para a verificação dos dados. Na etapa 8, após esse passo exaustivo de tabulação e levantamento dos dados, foi feita a revisão das entradas criadas pelos dados.

Nessa mesma etapa, foi utilizado o *software R* para a análise quantitativa das estruturas, em especial, para a busca por segmentos e seus contextos. De acordo com Oushiro (2014, p. 134), “O R é uma linguagem de programação voltada à análise de dados, que pode ser utilizada para realizar computações estatísticas e gráficas, compilar e anotar corpora, produzir listas de frequências, entre diversas outras

tarefas.” Dessa maneira tal programa é um importante no auxílio para a otimização de tempo e análise de padrões linguísticos. Em uma nona etapa, foi utilizado um *script* em linguagem R, produzido pela professora Maria Cantoni, que buscou todas as ocorrências dos grafemas de interesse:  $\{\widehat{gb}\}$ ,  $\{b\}$ ,  $\{g\}$ ,  $\{h\}$  e  $\{m\}$ .

E por último, numa etapa 10, depois da etapa exaustiva de descrição, foi feita a interpretação dos dados à luz dos aspectos fonológicos e teorias já mencionadas, que pudessem explicar os fenômenos observados.

## 5 RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados alguns dos resultados encontrados, a partir da glosa das sentenças apresentadas nas cantigas e a relação entre a escrita das cantigas com a pronúncia de cada palavra pelos falantes no candomblé.

### 5.1 Perda da articulação velar /g/ na consoante labiovelar /g̃b/

Nesta pesquisa, foram identificadas 75 palavras com a presença da consoante oclusiva labiovelar sonora /g̃b/ presentes nas cantigas da nação Ketu no candomblé (ver Apêndice 1). Esse fonema tende a ser pronunciado como [b].

Os dados apresentados mostram um apagamento da articulação velar /g/ da consoante complexa, produzindo, assim, pronúncias como: 'Gbɛdu' (/g̃bɛdu/) → "bedu", 'Gbogbo' (/g̃bog̃bo/) → "bobo". Esse fenômeno ocorre porque o português não permite articulações labiovelares simultâneas, levando os falantes a escolherem apenas um dos componentes da consoante complexa, o labial, como será discutido no Capítulo 6. Alguns dos exemplos desse apagamento encontrados nas cantigas do candomblé (Oliveira, 2009) são apresentados em (3a) a (3h):

- (3) /g̃b/ ----- > [b]
- |  |                                     |
|--|-------------------------------------|
| a) 'gbà' [ba] 'pegar'                            | e) 'nígbó' [nibo] 'na floresta'     |
| b) 'gbé' [be] 'levantar'                         | f) 'ńgbè' [ũbe] 'nascer' (metáfora) |
| c) 'gbìn' [bĩ] 'plantar'                         | g) 'àgbà' [aba] 'velho'             |
| d) 'Èlégbára' [ɛlɛbare] 'divindade dos caminhos' | h) 'gbogbo' [bobo] 'tudo'           |

Observa-se a simplificação de /g̃b/ em [b] no início de palavra, em (3a) a (3c); em meio de palavra, em (3d) a (3g), e em reduplicações, como em (3h).

Adicionalmente, foram identificadas 117 palavras escritas somente com /b/ (Apêndice 2) e, ainda, 17 palavras escritas com o /g/ (Apêndice 3). Alguns exemplos são apresentados em (4a) a (4j) e (5a) a (5m) :

- |                           |                                      |                             |                                     |
|---------------------------|--------------------------------------|-----------------------------|-------------------------------------|
| (4) palavras com {b}      |                                      | (5) palavras com {g}        |                                     |
| a) ba [ba]<br>'encontrar' | g) Laba-lába [laba-laba] 'borboleta' | a) gà [gá]<br>'dificuldade' | j) dàgò [dágó]<br>'desenvolvimento' |

b) báàyìí [bai] 'neste momento'	h) ríbo [ũbó] 'está vindo'	b) gè [gé] 'tocar'	k) dènge [dēgê] 'dança tradicional'
c) balè [balé] 'acalmar-se'	i) kòròba [kóróba] 'confusão'	c) gédé [gêdê] 'grande'	l) ẹlẹgẹ [élégé] 'brilhante'
d) bẹ [bé] 'pedir'	j) àkábá [akabá] 'bagunça'	e) geere [gêrê] 'dança tradicional'	m) gèdẹgẹ [gédégé] 'muito forte'
e) ẹlẹbàrà [elébara] 'divindade dos caminhos'		f) ajàgun [ajágũ] 'vitória'	
f) sọbọlọ [sôbólô] 'nome de uma bebida'		g) dàgòlé [dágólê]	
		h) dàgòlọ̀nọ̀n [dágolônõ]	
		i) ọ̀sọ̀gìnyón [óxógĩõ]	

Fonte: Autor

Esses dados mostram que, ao mesmo tempo em que há palavras escritas com {gb̂}, há a ocorrência de palavras escritas com {g} e {b}. Essa escrita indica a existência dos fonemas /g/ e /b/ na língua. Como se pode observar /g/ e /b/ ocorrem em diferentes posições nas palavras (início e meio) e seguidos das mesmas vogais que /gb̂/, ou seja, não há indícios de alofonia por distribuição complementar.

Um fenômeno que poderia ocorrer (e já foi observado pelo autor informalmente na fala de adeptos dessa nação no Estado do Pará) é a epêntese, ou seja, a adição de uma vogal entre os elementos da consoante dupla para facilitar a pronúncia e produzindo uma sílaba. Por exemplo, se houvesse epêntese, seria esperado em Gbẹdu (/gb̂ɛdu/) → "guebedu" ~ "guibedu", Gbogbo (/gb̂ogbo/) → "gobobo" ~ "guibobo". Esse processo de silabação ocorre em uma posição em que há duas consoantes com dupla articulação.

Não se observou nas pronúncias das cantigas a presença da inserção de uma vogal separando /gb̂/ em sílabas diferentes, por exemplo, 'gbé' \*[gi.be], mas [be]. Seria esperada essa inserção caso houvesse uma influência direta do português, em que as consoantes obstruintes adjacentes sofrem epêntese.

## 5.2 Hipótese do surgimento de /k̂p/ em algumas línguas africanas

Nesta seção, será abordada e contextualizada a ausência de /k̂p/ no inventário fonológico das línguas nagô, ao passo que tal consoante é atestada no lorubá.

Uma possível explicação histórica para a origem da consoante /k̂p/ nessas línguas está no fato de que, provavelmente, o prefixo \*ku- sofreu mudança linguística, como afirma Cahill (1999, p. 163):

In the Sawabantu group of languages in western Cameroon, Mutaka and Ebobissé (1996-97) show that a historical prefix \*ku- was realized as \*kw- before vowel, and that \*kw > kp in the Western Sawabantu group (below), as well as \*ŋgw > \*ŋgb, \*ɓw > gb and \*mw > ŋm. <sup>36</sup>

Essa explicação pode ser fundamental para a compreensão do processo do apagamento de alguma parte das consoantes complexas (/ĝb/, /k̂p/) na qual proporcionam o fortalecimento de consoante com algum traço fraco, como é o caso de \*kw, \*ŋgw, \*ɓw, \*mw, pois, em todos os casos há consoantes labializadas. Dessa maneira, as bilabiais em kp, ŋgb, gb, ŋm assumem a função de sonoridades consistentes na produção desses sons.

Em outros casos, o contato resulta na ocorrência restrita de sons no conjunto [k, k̂p, g, ĝb] sem contraste e alofonia entre alguns deles. Em algumas línguas, como o fongbé, o [p] não possui status fonêmico, mas sim fonético, sendo restrito à ocorrência em palavras classificadas com ideofones ou algum léxico emprestado de outras línguas. Lefebvre e Brousseau (2002, p. 16) explicam que "(...) words with an initial [p] are either ideophones or words borrowed from French or Portuguese. Interestingly, in other loanwords, the /p/ of the source language has been analysed as /f/ (...) This suggests that [p] does not have a phonemic status in Fongbe."

Soma-se a essa ocorrência restrita o fato que a língua apresenta a presença dos sons /k̂p/, /ĝb/ e /b/ como fonemas. Trata-se, portanto, de uma situação de assimetria no inventário fonêmico.

Já no caso do Santomé, uma língua crioula com superstrato português falada em São Tomé, ocorre /ĝb/ mas não /k̂p/, ao passo que, no Principense, crioulo da

---

<sup>36</sup> No grupo de línguas Sawabantu no oeste de Camarões, Mutaka e Ebobissé (1996-97) mostram que um prefixo histórico \*ku- foi realizado como \*kw- antes da vogal, e que \*kw > kp no grupo Sawabantu Ocidental (abaixo), bem como \*ŋgw > \*ŋgb, \*ɓw > gb e \*mw > ŋm. **(Tradução nossa)**

mesma região, ambos ocorrem. Smith (2008 *apud* Araujo, 2011, p. 318) atribui a presença das duas consoantes complexas no Principense à influência de línguas de substrato da região do delta do Rio Níger:

(...) em geral, a oposição de /b/ - /gb/ é mais frequente, embora /kp/ também seja comum e, normalmente, ocupe o lugar de /p/ nas línguas da África Ocidental Atlântica. Portanto, o fato de o Principense possuir as duas consoantes velolabiais sugere maior influência das línguas da região do delta do Rio Níger.

Diante do exposto, observa-se que as consoantes labiovelares estão presentes em inventários fonéticos e fonológicos de línguas africanas, mas apresentam status fonológico variado em situação de contato, em decorrência de ajustes e reposições sonoras dentro de sistemas fonológicos em interação.

#### 5.2.1 A consoante plosiva labiovelar desvozeada /k̠p/ no contexto das cantigas Ketu no candomblé

Além da ocorrência de /g̠b/, pretendia-se, neste trabalho, avaliar a ocorrência de /k̠p/, que seria esperado no inventário fonológico devido à presença de seu correspondente, por um princípio de simetria de vozeamento. Nos dados coletados, contudo, não foi identificada a presença dessa consoante complexa desvozeada. Entretanto, alguns estudos já mencionados (Ladefoged, 1968; Smith, 2008; Cahill, 1999) propõem que algumas línguas utilizam recursos para evitar essa “lacuna”. Sobre esse assunto, Cahill (1999, p. 159) explica que “One is that in some sources, there has been an orthographic convention established which is not identical with the phonetic reality. For example, Yorubá uses orthographic {p} to represent /kp/ and orthographic {m} for [ɲm]”<sup>37</sup>. Este fato poderia indicar que a consoante complexa /k̠p/ se manifesta foneticamente pelo alofone [p] como alofone livre. Isso acarreta o questionamento: todos os {p} e [p] são reproduções de /k̠p/?

<sup>37</sup> Uma delas é que, em algumas fontes, foi estabelecida uma convenção ortográfica que não é idêntica à realidade fonética. Por exemplo, o iorubá usa o {p} ortográfico para representar /kp/ e o {m} ortográfico para [ɲm]. (tradução nossa)

### 5.3 Epêntese antes de *ń* e *ń*

Durante a catalogação das palavras, notaram-se pronúncias com a presença de [ũ] no início de palavras com {ń} e {ń}. O acento sobre os grafemas {ń} e {ń} indica que essas consoantes são portadoras de tom e, portanto, seriam silábicas. Tais estruturas fogem ao padrão V, CV, em que a vogal é o núcleo da sílaba.

A partir dos dados, observa-se que a vogal epentética é inserida antes de uma nasal silábica sempre no início da palavra, como mostra o exemplo (6).

#### (6) A inserção da vogal epentética [ũ] na língua nagô

	f) ńdé [ũdê] ‘chegar,		
a) ńrí [ũrí] ‘enxergar’	entrar’	k) ńrò [ũró] ‘mudar’	p) ńlò [ũlò] ‘ir’
	g) ńgbè [ũbê]		r) bò-ń-bàtà [bòũbata]
b) ńbọ [ũbó] ‘chegar’	‘momento’	l) ńjé-jé [ũjêjê]	‘colocar o pé no chão’
c) ńjẹ [ũjé] ‘será		m) ńlá [ũlá]	
(pergunta)’	h) ńşẹ [ũxé] ‘fazer’	‘importante’	
d) ńşiré [ũxirê] ‘fazer		n) ńpè [ũpuê]	
algo’	i) ńsùn [ũsum] ‘dormir’	‘chamar’	
e) ńgbè lé [ũbêlê]		o) ńgbà [ũba]	
‘amadurecer’	j) ńjó [ũjô] ‘dançar’	‘tempo’	

Fonte: autor

Foi identificado um total de 21 palavras que possuem uma vogal epentética [ũ] e destas 21, 15 ocorrem na posição inicial e 6 ocorrem no meio da palavra e nenhuma em posição final, como observado nos exemplos abaixo.

#### Quadro 7 – Palavras com vogal epentética nasal arredondada [ũ] em consoantes silábicas

ńbọ [ũbó] ‘chegar’	ńjó [ũjô] ‘dançar’	ńsùn [ũsũ] ‘dormir’
ńdé [ũdê] ‘chegar, entrar’	ńlá [ũlá] ‘importante’	şàńgbá [Xaũbá] ‘esforço’
ńgbà [ũba] ‘tempo’	ńlò [ũlò] ‘ir’	bàyìńjó [báiũjò] ‘mudança de situação’ (expressão)
ńgbè [ũbê] ‘momento’	ńpè [ũpé] ‘chamar’	ẹrùńjéjé [êrũjéjé] ‘pânico’
ńgbélé [ũbêlê] ‘ficar parado’	ńrò [ũró] ‘mudar’	bò-ń-bàtà [bòũbatá] ‘colocar o pé no chão’

ńgbèlé 'amadurecer'	[ũbélê]	ńşé [ũxé] 'fazer'	té-ń-té [têũtê] 'expressão algo contínuo'
ńjí [ũjí] 'mover'		ńşiré [ũxirê] 'fazer algo'	Tú-ń-bá [tuũbá]

Fonte: Autor

Ao observar os dados, percebe-se que os grafemas {ń} e {ń} ocorrem em início e meio de palavras, menos no final da sentença. Foram considerados os seguintes critérios de organização das palavras: posição dos grafemas, ordem alfabética, consoantes precedentes e quantidades de dados com grafemas {ń} e {ń}. Nesse último critério, observou-se que a quantidade de palavras com {ń} ocorre em maior número, em comparação ao {ń}.

## 6 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS ASPECTOS FONOLÓGICOS DAS CANTIGAS DO CANDOMBLÉ

Neste capítulo, serão discutidos e interpretados os dados à luz das teorias mencionadas anteriormente – fonológica e contato linguístico. Também serão apontadas algumas hipóteses para a apresentação dos padrões fonológicos avaliados – as consoantes complexas /g̃b/, /k̃p/, a inserção da vogal epentética [ũ] antes de consoantes silábicas ñ e ñ̃ – e o impacto dessas variações no contexto de contato nos terreiros das cantigas no candomblé de nação Ketu.

### 6.1 O contato linguístico e o impacto na formação das línguas do terreiro

No Brasil, o contato de línguas africanas entre si e com o português possibilitou o desenvolvimento de uma forma de comunicação que, atrelada aos aspectos culturais da religião, preservou manifestações linguísticas de várias línguas advindas da África: família Kwa, família Gbé, família Bantu. Nesta parte da discussão, questões históricas não serão aprofundadas, mas sim a consequência do contato em um sistema interno da língua, especificamente, os aspectos fonológicos observados no léxico das cantigas.

Em um cenário de contato, os falantes se deparam com sistemas diferentes da língua já conhecida. De acordo com Labov (1999, p. 324):

First, as the merger progresses, there is an intimate mixture of systems within the same community, and listeners cannot distinguish one type of speaker from another except by interpreting their utterances. Second, sociolinguistic studies show that mergers rarely rise to the level of overt social consciousness. Listeners attend to the realization of particular sounds by other speakers, but not to how many distinctions they make.<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> Primeiro, à medida que a fusão progride, há uma mistura íntima de sistemas dentro da mesma comunidade, e os ouvintes não conseguem distinguir um tipo de falante de outro, exceto pela interpretação de seus enunciados. Em segundo lugar, estudos sociolinguísticos mostram que as fusões raramente atingem o nível de consciência social evidente. Os ouvintes prestam atenção à realização de sons específicos por outros falantes, mas não à quantidade de distinções que eles fazem. **(tradução nossa)**

Os falantes em contato com outro sistema desenvolvem um estranhamento com relação aos sons que não estão presentes no inventário sonoro da língua dominante, tendo como consequência ajustes nesses inventários.

Cabe, aqui, fazer referência à teoria ecológica da língua desenvolvida por Salikoko Mufwene. Essa teoria aborda situações em que a língua está sendo afetada pelo meio social e como o sistema se adequa a determinados ambientes. Sobre a “evolução” das línguas, Mufwene afirma que “Linguistic systems may evolve as much toward more structural complexity as toward more simplicity, **just as they may be restructured without becoming more complex or simpler.**”<sup>39</sup> (2001, p. 147, grifo nosso). Aqui, o significado de “evolução” está ligado à complexidade das línguas em um nível estrutural.

Mufwene, portanto, rejeita a noção da Hipótese da excepcionalidade<sup>40</sup> proposta por linguistas tradicionalistas sobre a formação das línguas crioulas. Para Mufwene (2001), línguas crioulas se formaram por meio de processos comuns a diversas situações de contato linguístico, como colonização, escravidão e migração. Segundo o autor a formação das línguas deve ser compreendida a partir de fatores sociais, históricos e demográficos específicos, como o número de falantes dos sistemas linguísticos em contato, a distribuição de prestígio entre essas línguas e a dinâmica das interações sociais nas comunidades coloniais. Assim, os novos sistemas de língua seriam apenas mais um exemplo da capacidade humana de adaptar e reorganizar sistemas linguísticos em contextos de contato, não sendo, portanto, exceções. No mesmo sentido, DeGraff (2005, p. 533) argumenta que:

Various types of Creole Exceptionalist beliefs are deconstructed and historicized, and their empirical, theoretical, and sociological flaws surveyed. These flaws have antecedents in early creolists' theories of Creole genesis, often explicitly couched in Eurocentric and (pre-/quasi-) Darwinian doctrines of human Evolution. <sup>41</sup>

---

<sup>39</sup> Os sistemas linguísticos podem evoluir tanto para uma maior complexidade estrutural quanto para uma maior simplicidade, assim como podem ser reestruturados sem se tornarem mais complexos ou mais simples. **(Tradução nossa)**

<sup>40</sup> A hipótese da excepcionalidade das línguas crioulas foi uma ideia criada para sugerir que as línguas crioulas seriam linguisticamente “excepcionais” — isto é, fundamentalmente diferentes das demais línguas naturais, tanto em sua origem quanto em sua estrutura. Essa visão associava os crioulos a um processo especial de formação, frequentemente ligado à simplificação.

<sup>41</sup> Vários tipos de crenças crioulistas excepcionalistas são desconstruídos e historicizados, e suas falhas empíricas, teóricas e sociológicas são pesquisadas. Essas falhas têm antecedentes nas primeiras teorias crioulistas sobre a gênese do crioulo, muitas vezes explicitamente formuladas em doutrinas eurocêntricas e (pré/quase) darwinistas da evolução humana.

Vale considerar que as línguas africanas, no Brasil, no período Colonial, precisaram se adequar em um ambiente em que o período histórico não pode ser desconsiderado, haja vista que os escravizados sofriam repressão de suas manifestações linguísticas e culturais. O africano escravizado era obrigado a aprender a língua do opressor, assim como precisava conservar o código linguístico de sua língua de seus ancestrais para se comunicar com seus iguais.

Desse modo, considerando os dados apresentados, a língua presente no candomblé apresenta como uma das fortes características a simplificação e apagamento de segmentos sonoros, um exemplo disso está apresentado pela perda da articulação velar /g/ da consoante labiovelar plosiva sonora /gb/. Esse exemplo se enquadra no tipo de alterações fonológicas observadas em casos de línguas de herança, observadas por Thomason (2020, p. 103):

In case a like this it may actually be necessary to consider the phonology as borrowed from the dominant language: if words are to be pronounced at all, phonemic contrasts must be used, and if the speakers never learned those of the original language, then the only ones available are those of the dominant language.<sup>42</sup>

Línguas de herança (*heritage languages*) consistem em línguas transmitidas por via familiar a um falante, que faz uso restrito da mesma, ao mesmo tempo que faz uso de uma outra língua que é dominante. Essa situação tem paralelos com as línguas de uso religioso, uma vez que os falantes, geralmente, apresentam conhecimento limitado dos vários aspectos linguísticos, como é o caso das línguas do candomblé.

O tipo de adequação fonológica mencionada pela autora pode explicar o surgimento de alofones e fusão de fonemas observados em um sistema em situação de contato. Neste trabalho, é proposto que adequação semelhante teria ocorrido nas línguas africanas formadoras das línguas nagô, a partir do contato com o português, que se tornou língua dominante da população brasileira a partir do século XVIII.

---

<sup>42</sup> na verdade, é necessário considerar a fonologia como emprestada do idioma dominante: para que as palavras sejam pronunciadas, é preciso usar contrastes fonêmicos e, se os falantes nunca aprenderam os do idioma original, os únicos disponíveis são os do idioma dominante. (**Tradução nossa**)

## 6.2 Composição linguística da língua da nação Ketu

A língua nagô é o resultado da fusão de diversas línguas africanas trazidas ao Brasil durante o Período Colonial. Sua origem ainda é debatida, pois sua formação ocorreu a partir do contato entre diferentes línguas africanas e o português.

Nesta pesquisa, constatou-se que a maioria das palavras presentes nas cantigas analisadas foi encontrada em dicionários de língua lorubá. Entre essas palavras, algumas apresentavam características de classes linguísticas comuns em muitas línguas, como os ideofones e as onomatopeias. Seus significados também foram identificados em dicionários de língua iorubá.

Um aspecto relevante em situações de contato linguístico se refere ao impacto de certas camadas lexicais sobre a fonologia da língua contactada. Um caso que influencia em questões fonológicas é a existência de ideofones e onomatopeias na língua, pois essas categorias fogem aos padrões fonológicos e morfofonológicos da língua, a partir da reduplicação e da não arbitrariedade fonética. Ao tratar da presença de consoantes clique em línguas Nguni, a partir do contato com línguas Khoisan, Thomason (2020, p. 103) apresenta a explicação de Lickey (1985), que propõe que:

(...) structural interference in the phonology alone involves southern Bantu cultural patterns that promote phonological distortion—ideophones and, more importantly, hlonipha, a system of lexical avoidance (or taboo) that requires phonetic alteration of words that resemble a tabooed term. <sup>43</sup>

Algumas estruturas implicam em alterações no sistema fonológico da língua, pois a presença de ideofones ou onomatopeias nas línguas propicia a existência de sons não pertencentes ao inventário. Esta situação não corresponde ao que foi encontrado nas cantigas da nação Ketu em que os ideofones e as onomatopeias são eles mesmos de base lorubá e contendo os mesmos sons do inventário da língua.

A partir disso, no quadro 8, observa-se a existência dessas classes de palavras. Durante a segmentação e o processo de glosa das sentenças nas cantigas, foi percebido que algumas palavras não possuíam um significado nos dicionários. Então, nesta etapa, foi necessário recorrer a pesquisas de busca na internet, a citar

---

<sup>43</sup> (...) a interferência estrutural apenas na fonologia envolve padrões culturais bantu do sul que promovem a distorção fonológica - ideofones e, mais importante, hlonipha, um sistema de evitação lexical (ou tabu) que exige a alteração fonética de palavras que se assemelham a um termo tabu. **(Tradução nossa)**

Google e gramáticas da língua Iorubá (Beniste, 2021; Fakinlede, 2005). Assim, tais complementos de pesquisa possibilitaram a classificação de tais palavras.

**Quadro 8 – Ideofones presentes nas cantigas**

<b>Som</b>	<b>Significado</b>
jéjéjè	Som de tranquilamente
kéere-kéere	som do silêncio
kéré	som de andar rapidamente
súwẹ	som de como algo se comporta
wulẹwulẹ	som de cavar o solo suavemente
geeregeere	som de encandecer
tímóntímón	som de intimamente
bíribíri	som de olhar ao redor

Fonte: autor

**Quadro 9 – Onomatopeias presentes nas cantigas**

<b>Som</b>	<b>Significado</b>
òfuurufú	som do vento
kítíkítí	som de muitas árvores
bàtà	som de caminhar
tó	som de cair
bàrà-bàrà	som de se esconder e escapar
yà-yàyà	som de fluir
şóşóşó	som de espantar
wẹrẹwẹrẹ	som de ir embora suavemente
Şéké-Şéké	som de deslizar algo

Fonte: autor

Na língua nagô, que tem suas raízes no Iorubá, os ideofones e as onomatopeias frequentemente desempenham papéis semelhantes aos advérbios e verbos, como ilustrado nos quadros 8 e 9. Algumas características típicas dos ideofones nas línguas naturais incluem a reduplicação e a arbitrariedade em relação

aos aspectos performáticos nas orações. Vale ressaltar que o significado desses termos pode variar conforme a língua em questão.

Outro aspecto importante que representa diferenças linguísticas entre o nagô e o loruba é a predominância de sílabas simples, como de padrões CV ou CVCV. Isso significa que, quando aparecem expressões que se afastam desse modelo, elas podem ser indicativas de empréstimos linguísticos. Além disso, observa-se uma tendência de utilizar sentenças mais simples, sem a presença de morfemas flexionais, que pode ser o resultado de uma simplificação morfológica em decorrência de contato. A escolha por uma estrutura morfológica simplificada também contribui para a receptividade do léxico de uma nova língua, principalmente em situação de contato, como mostrado na figura 5.

**Figura 5 – Exemplo de simplificação da estrutura morfológica em uma sentença da língua nagô**

4 Palavra	Èlégbára	réwà		a	şẹ	awo
Morfemas	èlégbára	ré	wà	a	şẹ	awo
Entradas Léx.	Èlégbára	ré	wà	a <sub>2</sub>	şé	awo
Lex. Gloss	Divindade dos Caminhos	amigável	ser; existir	Nôs (intensidade)	Definitivamente; de fato	segredo; misticismo; iniciação
Info. Gram. Léx.	n	n	v	interj	adv	n
Word Gloss	Divindade dos Caminhos	ir		Nôs (intensidade)	Definitivamente; de fato	segredo; misticismo; iniciação
Cat. da Palavra	n	v		interj	adv	n

Livre O Senhor dos caminhos. Nôs cultuaremos, de verdade.

Fonte: autor

A oração acima apresenta palavras (*ré* 'vir' e *wà* 'ser, existir') cuja organização sintática e o contexto livre da tradução possibilitam identificar um significado aproximado, haja vista que não há a presença de morfemas de gênero, de tempo e de número, como seria esperado em lorubá.

Embora se afirme que todo o léxico provém do lorubá, algumas características fonológicas observadas nos dados compartilham atributos com outras línguas da mesma família, como evidenciado pelos estudos de Ladefoged (1968), Zossou (2021), Clements e Annie Rialland (2005), e Ohala (1975, 1993, 1995). Isso sugere que, embora o léxico seja, de fato, predominantemente iorubano, os aspectos fonológicos mencionados também apresentam características comuns a outras línguas e dialetos da família Niger-congo, como Soso, Igbo e Idoma, considerando que houve várias

expedições para trazer os negros africanos escravizados para o Brasil. Supõe-se, dessa forma, que o maior número de escravizados eram dessa família na mesma expedição.

A língua da nação Ketu, portanto, é, em grande parte, derivada do lorubá, com exceção de alguns termos lexicais específicos, mudanças na pronúncia e possíveis variações sintáticas, que não foram analisadas neste trabalho.

### 6.3 Sobre as consoantes complexas /g̃b/ e /k̃p/ nas cantigas no candomblé

Alguns sons não existem no português brasileiro. Entre eles, destacam-se as consoantes labiovelares /g̃b/ e /k̃p/, que são características do inventário iorubá e aparecem em nomes sagrados, palavras rituais e cânticos.

A simplificação nos sistemas linguísticos – em nível morfológico, sintático e fonológico – é um indicativo de situações de contato entre as línguas. Mufwene (2008, p. 79) argumenta que:

**More interesting about incipient pidgins is the fact that they represent simplifications, reductive developments of some sort, from full-fledged languages. Evolutionarily, they have evolved in the opposite direction of the putative protolanguage, which started from non-linguistic means of communication<sup>44</sup> (grifo nosso)**

O processo de simplificação fonológica, assim como afirma Mufwene, é um dos percursos para a reestruturação de um sistema. O caso da simplificação da consoante /g̃b/ poderia ser explicado por fenômenos fonológicos relacionados à articulação e à estrutura silábica das línguas que não possuem esse som. Esse fenômeno ocorre, a saber, quando falantes de línguas que não possuem /g̃b/ como um único som (labiovelar oclusiva sonora) simplificam sua pronúncia, resultando na perda do /g/ e na produção apenas de /b/.

Essas consoantes apresentam desafios para falantes nativos de português, o que leva a diferentes fenômenos fonológicos na adaptação e pronúncia das cantigas. Um deles é a simplificação fonológica, pois para falantes do português brasileiro, os

---

<sup>44</sup> O mais interessante sobre os pidgins incipientes é o fato de que eles representam simplificações, desenvolvimentos redutivos de algum tipo, de idiomas completos. Evolutivamente, eles evoluíram na direção oposta da suposta protolinguagem, que começou com meios de comunicação não linguísticos. (tradução nossa)

sons /g̃b/ e /k̃p/ são difíceis de pronunciar, haja vista que o PB não possui esses fonemas. Isso leva a simplificação, em que essas consoantes duplas são substituídas por uma consoante única.

Ladefoged (1968) relata que, em algumas línguas africanas, a consoante /g̃b/ “occurs in contrast with both /b/ e /b/”<sup>45</sup>. Logo, são fonemas diferentes. Essa situação é observada em todas as línguas da família Niger-congo, em que se insere o lorubá. Dessa forma, não há nessas línguas alofonia entre [g̃b] e [b] e que pudesse explicar a simplificação das palavras presentes nas cantigas.

Contrariamente, há línguas em que ocorre a simplificação das consoantes labiovelares, podendo resultar na preservação da articulação velar ou labial. Connell (1994, p. 472) aponta o Ibibio, língua pertencente à família Lower Cross Language – grupo de dialetos da família Benue-Congo, juntamente com Efik, Ibibio, Oron e Anaang – como um dos sistemas fonológicos que possui a perda da articulação em consoantes complexas, mantendo a articulação velar:

An adequate theory of phonology must also be able to account for such developments, whether one speaks of developments resulting in labial-velars or their loss. **With regard to their loss, Westermann & Ward (1933) were cited above as claiming that, when undergoing sound change, the labial-velar stop usually leaves a velar reflex.** Whether this is the “usual” development is open to question; Certainly among the Lower Cross languages, as well as in other language groups examined, where sound change has taken place it has more often been the labial element that has survived, either as [p], [b] or [b̥]. <sup>46</sup>(grifo nosso)

A simplificação exemplificada nas cantigas envolve a preservação da articulação labial, como é o caso de outras línguas mencionadas pelo autor. Em ambos os casos, uma possível explicação é a redução articulatória, pois a produção dessa consoante necessita de dois pontos de articulação simultâneos — a saber, o /g/, uma consoante velar, e /b/, bilabial. Esse tipo de articulação é complexo e exige que o falante coordene diferentes partes do aparelho fonador ao articular um som.

<sup>45</sup> ocorre em contraste com /b/ e /b̥/. (tradução nossa)

<sup>46</sup> Uma teoria adequada da fonologia também deve ser capaz de explicar esses desenvolvimentos, quer se fale de desenvolvimentos que resultem em labial-velar ou em sua perda. Com relação à sua perda, Westermann & Ward (1933) foram citados acima como tendo afirmado que, ao passar por mudanças sonoras, a oclusiva labial-velar geralmente deixa um reflexo velar. Se esse é o desenvolvimento “usual” está aberto a dúvidas; Certamente, entre as Lower Cross language, bem como em outros grupos de línguas examinados, onde a mudança de som ocorreu, o elemento labial sobreviveu com mais frequência, seja como [p], [b] ou [b̥]. (tradução nossa)

No caso das línguas africanas em contato com o português, esse processo fonológico, em alguns contextos, especialmente em empréstimos linguísticos, possibilita um ajuste no referido som, no qual o /gb̂/ perde sua parte velar para se ajustar ao sistema fonológico da língua na qual foi inserido.

Se um falante não está habituado com sons labiovelares, presentes em algumas línguas africanas, ele pode perceber /gb̂/ como uma sequência de dois sons separados, ou seja, /gb/, e não como uma única consoante, proporcionando a simplificação da articulação e, eventualmente, o apagamento do [g].

Em uma situação de contato, em que as línguas contactante e contactada apresentam inventários fonológicos distintos, é observado que a comunidade realiza ajustes sonoros que podem proporcionar uma reorganização do sistema fonológico da língua contactada. Herold (1990 *apud* Labov 1999, p. 324) explica que há uma série de eventos que são fundamentais para a categorização e aceitação dentro da comunidade de algum elemento linguístico:

1) Through changes in the population of the speech community, or through changes in nearby communities, speakers who make a phonemic distinction develop extensive contacts with speakers who do not. 2) The two-phoneme speakers often misunderstand what the one-phoneme speakers have said, since they interpret an allophonic variation as a phonemic distinction. 3) The one-phoneme speakers, on the other hand, do not misunderstand the two-phoneme speakers - not because they can use the phonemic difference, but because they do not attend to it in deciding what is being said. Given what is for them a complete homonymy between *Don* and *dawn*, they rely on the same types of syntactic, semantic, and pragmatic information that they use in their own speech. 4) After a certain period of time, the two-phoneme speakers cease to attend to this phonemic distinction themselves, since it is not reliable. 5) This decision may produce the sudden collapse of the distinction, as in Tamaqua. On the other hand, the two-phoneme speakers may continue for some time to produce the distinction without using it for semantic interpretation. <sup>47</sup>

---

<sup>47</sup> 1) Por meio de mudanças na população da comunidade de fala, ou por meio de mudanças em comunidades próximas, os falantes que fazem uma distinção fonêmica desenvolvem contatos extensos com falantes que não fazem. 2) Os falantes de dois fonemas muitas vezes não entendem o que os falantes de um fonema disseram, pois interpretam uma variação alofônica como uma distinção fonêmica. 3) Os falantes de um fonema, por outro lado, não entendem mal os falantes de dois fonemas - não porque possam usar a diferença fonêmica, mas porque não a consideram ao decidir o que está sendo dito. Considerando o que é para eles uma homonímia completa entre *Don* e *dawn*, eles contam com os mesmos tipos de informações sintáticas, semânticas e pragmáticas que usam em sua própria fala. 4) Depois de um certo período de tempo, os falantes de dois fonemas deixam de prestar atenção a essa distinção fonêmica, já que ela não é confiável. 5) Essa decisão pode produzir o colapso repentino da distinção, como em Tamaqua. Por outro lado, os falantes de dois fonemas podem continuar produzindo a distinção por algum tempo sem usá-la para a interpretação semântica. **(Tradução nossa)**

Os eventos traçados pela pesquisadora indicam que, em um primeiro momento, o estranhamento sonoro é a base para que haja uma adaptação na situação de comunicabilidade entre os indivíduos. Essa afirmação dialoga com os dados apresentados em (3). A escrita nas cantigas reflete formas anteriores da língua nagô, mas a pronúncia reflete o sistema fonológico do português brasileiro, por isso a simplificação, nesse caso, reflete uma mudança decorrente do contato.

Com relação à consoante /k̄p/, algumas línguas de famílias africanas apresentam alternância entre /k̄p/ e [p] e, ainda, outras apresentam /k̄p/ como distribuição restrita a certos ambientes, como explica Cahill (1999, p. 163):

Efik has been cited as a similar case (Welmers 1973), since [kp] appears only in syllable-initial position, but [p] appears only in syllable-final position. However, there are no alternations as in the Amele case, and [b] and [p] also have the same type of complementary distribution, so Cook (1969, 1985) treats [p] as an allophone of /b/ rather than of /kp/.<sup>48</sup> (Cahill, 1999, p. 163)

Essas descrições apresentadas não devem, obviamente, ser consideradas como algo regular nas línguas africanas, pois cada família possui suas restrições e fenômenos distintos.

No caso das palavras apresentadas nas cantigas, é possível que a consoante labiovelar desvozeada não apresente escrita ortográfica {k̄p}, mas sim {p}, como no caso do lorubá. Contudo, não foi encontrada nenhuma palavra contendo som com a pronúncia [k̄p], o que, possivelmente, poderia ter duas razões: por acaso não ter ocorrido uma palavra com o fonema /k̄p/ ou por ter havido uma simplificação do fonema /k̄p/ que se fundiu com o /p/. Isso propõe a revisitação do inventário fonético de algumas línguas para observar e comparar a presença assim como uma possível explicação.

Uma hipótese que explicaria a ausência do /k̄p/ nas cantigas é que se trata de um fonema raro e, devido à limitação do tamanho do material, não ocorreu. Outra possibilidade a se considerar é que o fonema /k̄p/ esteja presente nas línguas de outras nações do candomblé, mas não na nação Ketu em decorrência da influência de outras línguas formadoras, como por exemplo, *Kpà* [pa] 'bolsa, saco', *Kpèkípèkí* [pɛkɪpɛki] 'brilhante, reluzente', *Kpò* [pɔ] 'estragar, apodrecer', *Kpákà* [paka] 'uma

---

<sup>48</sup> O Efik foi citado como um caso semelhante (Welmers 1973), já que [kp] aparece apenas na posição inicial da sílaba, mas [p] aparece apenas na posição final da sílaba. No entanto, não há alternâncias como no caso do Amele, e [b] e [p] também têm o mesmo tipo de distribuição complementar, de modo que Cook (1969, 1985) trata [p] como um alofone de e não de /kp/. **(tradução nossa)**

grande quantidade de algo', *Kpótópótó* [pótópótó] 'lama, barro'. Essas palavras possuem o grafema {kp̂}, mas são palavras que não foram encontradas nas cantigas do livro.

Portanto, em resumo, o contato das línguas africanas com português proporcionou alguns ajustes nessas consoantes complexas, em /gb̂/, a simplificação ocorre pela perda da articulação velar /g/ da consoante labiovelar vozeada; enquanto, em /kp̂/, não se pode afirmar com certeza que houve o fenômeno da perda, pois não foi encontrada a ocorrência dessa consoante na escrita.

### 6.3 A inserção da vogal epentética [ũ] precedido à consoantes silábicas *ń* e *ń*<sup>49</sup>

Na escrita ortográfica das cantigas, os grafemas {ń} e {ń} representam consoantes silábicas. Isso significa que elas podem funcionar como sílabas independentes e não precisam de outra vogal ou consoante para serem pronunciadas. Ambos os sons possuem suas funções gramaticais e fonéticas, ou seja, componentes essenciais no lorubá, algo que foi preservado na escrita de algumas sentenças das cantigas do candomblé Ketu.

Nas línguas tonais os tons possuem uma importância na seleção dos componentes em uma sílaba. A partir disso, Awobuluyi (1978, p. 147) afirma que:

A consonant plus the vowel accompanying it constitutes a syllable. A vowel that has no consonant attached to it also constitutes a syllable. So also do m and n, when they occur with tones. Consequently, there are two kinds of syllables in Yoruba. <sup>50</sup>

A particularidade desses grafemas surge pelo fato de eles serem núcleos de sílaba por causa da presença do tom, em decorrência do apagamento da vogal. No que concerne à pronúncia desses sons por falantes brasileiros, observou-se a inserção de uma vogal epentética nasalizada [ũ]. Em línguas que possuem estrutura silábica predominante CV, a inserção da vogal epentética, frequentemente, tem razões fonotáticas, para evitar encontros consonantais. Hall (2011, p. 67) ratifica que:

<sup>49</sup> Em uma pesquisa sobre as vogais epentéticas das línguas envolvidas e sobre os princípios de fonética, não foram localizadas informações que explicassem a ocorrência da vogal epentética [u], logo essa questão.

<sup>50</sup> Uma consoante mais a vogal que a acompanha constitui uma sílaba. Uma vogal que não tenha uma consoante anexada também constitui uma sílaba. O mesmo acontece com m e n, quando ocorrem com tons. Consequentemente, há dois tipos de sílabas em iorubá. (**Tradução nossa**)

if a language has the syllable structure (C)V(C), hence disallowing CC clusters at the beginning of a word, an initial CCV could be broken up by putting a vowel before the consonants (VC.CV) or between the consonants (CV.CV).<sup>51</sup>

Dessa maneira, como afirma Hall, uma língua adapta palavras estrangeiras para se adequar às suas restrições fonotáticas. Se uma língua permite apenas sílabas da forma (C)V(C), sem encontros consonantais iniciais, palavras estrangeiras que começam com CCV precisam ser modificadas. Para isso, podem ser utilizadas duas estratégias: a inserção de uma vogal antes do grupo consonantal (VC.CV) ou entre as consoantes (CV.CV). Sendo assim, a estrutura silábica da língua é preservada, garantindo a pronúncia natural dentro do seu sistema fonológico adaptado.

Complementarmente, Uffmann (2005, p. 1081) aponta duas explicações para a qualidade da vogal epentética nas línguas africanas: harmonia vocálica e assimilação consonantal. A primeira explicação se refere ao fato de que “the epenthetic vowel receives some (or all) features from a neighboring vowel” (Uffmann 2005, p. 1081). Já a segunda, refere-se ao:

In consonantal assimilation, in contrast, the epenthetic vowel receives place features from an adjacent (usually preceding) consonant, a strategy already noted in Meinhof (1910). Most frequently, consonantal assimilation is observed as labial attraction, i.e. insertion of a round vowel like /u/ following a labial consonant, e.g. in Sranan (Smith, 1977), Yoruba (Akinlabi, 1993), Tswana and Swahili (Batibo, 1995) and Kikuyu (Mwihaki, 2001). Rose (1995) analyzes epenthesis in Kinyarwanda as a process where [coronal] may also spread, besides [labial]. Brasington (1978) finds that consonantal assimilation occurs alongside vowel harmony in Rennellese vowel epenthesis.<sup>52</sup>

Uma vez que nos dados avaliados, a vogal /ũ/ é sempre usada, independentemente da consoante seguinte, e vogais próximas, não se trata de um dos casos descritos por Uffmann (2005), mas sim, um caso de vogal constante, não harmonizada.

---

<sup>51</sup> Por exemplo, se um idioma tiver a estrutura de sílaba (C)V(C), não permitindo, portanto, agrupamentos CC no início de uma palavra, um CCV inicial poderia ser quebrado colocando-se uma vogal antes das consoantes (VC.CV) ou entre as consoantes (CV.CV). **(tradução nossa)**

<sup>52</sup> Na assimilação consonantal, ao contrário, a vogal epentética recebe características de lugar de uma consoante adjacente (geralmente precedente), uma estratégia já observada em Meinhof (1910). Mais frequentemente, a assimilação consonantal é observada como atração labial, ou seja, a inserção de uma vogal arredondada como /u/ após uma consoante labial, por exemplo, em sranan (Smith, 1977), iorubá (Akinlabi, 1993), tswana e suaíli (Batibo, 1995) e kikuyu (Mwihaki, 2001). Rose (1995) analisa a epêntese em kinyarwanda como um processo em que a [coronal] também pode se espalhar, além da [labial]. Brasington (1978) descobriu que a assimilação consonantal ocorre juntamente com a harmonia vocálica na epêntese vocálica do Rennellese. **(tradução nossa)**

Outro fato digno de nota se refere à nasalidade: a vogal arredondada inserida antes de {ń} e {m} é sempre nasal, o que indica a ocorrência de assimilação de traços de nasalidade de /n/ e /m/. Dessa forma trata-se também de um caso de adaptação da vogal epentética ao ambiente sonoro, que é comum em casos de epênteses nas línguas africanas.

Considerando que os dados apresentados no quadro 7 e em (5) são consequências da elaboração comunicativa de falantes de vários dialetos, a inserção de uma vogal e formação de sílaba para que haja ajuste no sistema fonotático da língua emergente mostram situações que ajudam a compreender, ainda mais, os fenômenos fonológicos de línguas em contato.

Então, na língua nagô, no Brasil, as sílabas "ń" e "m" pode sofrer algumas adaptações devido ao contato com a fonética de outras línguas – quer seja entre as próprias línguas africanas ou com o português. Considerando se a epêntese [ũ] é uma característica do contato entre línguas é necessário considerar o fenômeno em línguas contactantes. No português brasileiro, porém, a inserção da vogal epentética ocorre, principalmente, para facilitar a pronúncia de certas sequências de consoantes, geralmente inserindo a vogal [i] e formando uma nova sílaba, como em *advogado* pronunciado ‘ad[i]vogado’. Esse fenômeno também é atestado na adaptação de palavras estrangeiras, como por exemplo *stress* → [i]stress. Sobre isso, Cantoni (2015, p. 232) afirma que há uma restrição para que haja a presença de uma vogal epentética, pois:

(...) a epêntese é opcional e, de modo geral, ocorre (1) em certos grupos de consoantes que se encontram em sílabas diferentes, (2) depois de consoantes obstruintes em coda em final de palavra, (3) em alguns grupos de consoantes na mesma sílaba em início de palavra e (4) antes de nasal palatal em início de palavra (...)

Diante do exposto, no português brasileiro, percebe-se uma preferência por sílabas CV e a tendência a evitar encontros consonantais complexos, como pr, ps, dv. Dessa forma, essa característica aponta para o fato de que, quando há grupos de consoantes que são difíceis de pronunciar dentro da estrutura fonológica da língua, uma vogal epentética pode ser inserida para tornar a pronúncia mais fluida.

Comparativamente, no lorubá, é possível a ocorrência de uma consoante nasal silábica, enquanto, no português brasileiro, não há essa possibilidade. Essa informação possibilita a percepção de que a presença de {ń} e {m} possibilitaria a

inserção da vogal [i]. Entretanto, em (6), a vogal a ser inserida é o [ũ]. Logo, esses dados mostram que não é um evento de contato com o português. Uma vez que as nasais silábicas ocorrem em início de palavras sem epêntese no lorubá, é possível que se trate de fenômeno resultante do contato com outra língua africana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo propôs uma avaliação fonológica do contato linguístico nas cantigas da nação ketu no candomblé, destacando sua origem lexical no iorubá, com características particulares da família Benue-congo e os processos fonológicos de adaptação das línguas africanas ao português ou entre si.

Remete-se aos objetivos citados na introdução, especificamente, o (b) a análise demonstrou como resultados que os processos fonológicos encontrados ocorreram com a consoante labiovelar vozeada /g̃b/ e /k̃p/ e com as consoantes silábicas {m̃, ñ}.

O primeiro resultado demonstrou a ocorrência de uma predisposição por parte dos falantes apagarem a articulação /g/ da consoante labiovelar /g̃b/, considerando que essa consoante, para os falantes do português brasileiro, possui uma dificuldade na pronúncia devido sua articulação dupla. Já relacionado aos resultados correspondentes à consoante /k̃p/, não houve resultados conclusivos, haja vista que não foram encontradas palavras com {k̃p} em sua composição, então foram desenvolvidas algumas hipóteses para esse caso: primeiro, pode não ter havido ocorrência de palavras com fonemas /k̃p/ ou pode ter ocorrido uma simplificação do fonema /k̃p/ que se fundiu com o /p/. Vale ressaltar que há a existência do processo de alofonia em línguas africanas em que a consoante labiovelar desvozeada /k̃p/ é descrita fonologicamente como [p] ou {p}.

Com relação à ocorrência das consoantes silábicas não era esperado a inserção de uma vogal epentética [ũ] diante dos grafemas {m̃, ñ}, se considerarmos que os falantes do candomblé são brasileiros, o esperado era a inserção da vogal [i] e não outra.

Sobre o objetivo (c) mencionado na introdução, por falta de outros materiais de outras nações do candomblé impossibilitou a efetivação, mas é válido que seja retomado em estudos futuros para uma avaliação mais atenta.

Ao longo de uma pesquisa bibliográfica exaustiva, foi dedicado um período para a interlinearização das cantigas no programa FLEx cujo resultado foram segmentos glosados e a produção de um minidicionário com os significados dos termos presentes nas cantigas. Essa pesquisa teve como produção um minidicionário com outra possível tradução. Além de ser um produto em si, o minidicionário possibilita

a verificação das etapas metodológicas realizadas e confere mais transparência ao estudo.

Ao longo da pesquisa buscou-se responder alguns questionamentos sobre a origem dessas palavras. Até o presente momento, pode-se concluir que as palavras contidas nas cantigas possuem origem lexical de raiz lorubá. Contudo os processos fonológicos possuem um escopo mais amplo, ou seja, não se restringem, apenas, a uma só língua, haja vista que muitos desses processos fonológicos também ocorrem na mesma família, a Kwa. Isso se torna importante para ratificar a ideia de que a generalização das nações possui um destaque não à língua, mas sim à comunidade na qual aquele indivíduo está presente.

Esses elementos se tornam importantes para a complementação de estudos, na área da linguística, para o conhecimento e uma melhor compreensão de como as línguas africanas trazidas para o Brasil se desenvolveram em meio ao contato com as demais línguas. Parte importante para esse estudo advém da curiosidade sobre quais aspectos fonológicos podem ser percebidos nessa miscelânea de línguas e culturas.

Como toda pesquisa possui sua limitação, para citar as desse estudo, menciona-se a inacessibilidade à outras cantigas de outras nações para que fossem comparadas e pudesse ser confirmada a origem das palavras contidas nessa manifestação oral – as cantigas. Outras limitações a serem consideradas são o tempo disponível para a finalização da pesquisa, em vista da quantidade de horas necessárias para realização dos procedimentos e análise, e a escassez de materiais disponíveis. Por fim, as gravações das cantigas seriam fundamentais para fazer a comparação com as pronúncias propostas pelo acervo adotado para essa pesquisa.

Para futuras pesquisas, pretende-se uma reanálise das glosas e, conseqüentemente, das palavras inseridas para a criação de um dicionário consolidado.

Os achados contribuem para a compreensão da relação entre linguagem e religiosidade afrobrasileira, evidenciando a importância da oralidade na transmissão cultural, mais precisamente uma descrição dos aspectos fonológicos em situação de contato.

Pesquisas futuras podem aprofundar a análise fonética e fonológica das cantigas em diferentes casas de candomblé e investigar a variação linguística entre

os adeptos. Assim, espera-se que este trabalho incentive novas discussões sobre a preservação das tradições linguísticas africanas no Brasil.

## REFERÊNCIAS

### Fontes primárias

- ASSIS JUNIOR, A. de. **Dicionário Kimbundo-Português**. Argente, Santos & C.8, Lda: Luanda. 1967.
- BENISTE, José. **Dicionário Português-Yorùbá**. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro. 2021.
- CHURCH MISSIONARY SOCIETY. **A dictionary of the Yoruba language**. University of Virginia. 1913.
- DE JAGUN, Márcio. **Vocabulário Temático do Candomblé**. Litteris editora: Rio de Janeiro, 2016.
- MILAGRES, Agostinho da Silva. **Dicionário Fongbè/Português/ Fongbè**. s/l. s/d.
- OLIVEIRA, Altair B. **Cantando para os orixás**. 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, 2009.
- SANDERS, William Rev.; FAY, W.E Rev. **Umbundu Language**. Beacon Press: Boston. 1885.
- YAI, Ọlabiyi Babalọ. **Yoruba-English/English-Yoruba – Concise dictionary**. Hippocrene Books: New York. 1996.

### Fontes secundárias

- AWOBULUYI, Oladele. **Vowel and consonant harmony in Yoruba**. In: *Journal of African Languages*. 1967, 6, 1-8.
- BOWEN, Rev. T.J. Orthoepy and Ortography. In: **Yoruba Language – with an introduction description of the country and people of Yoruba**. Smithsonian Institution. 1858.
- BROUSSEAU, Anne-Marie; LEFEBVRE, Claire. Overview of the phonology. In: **A grammar of Fongbe**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2002, p. 15-33.
- CAHILL, MICHAEL. Aspects of the phonology of labial-velar stops. In: **Journal Studies in African Linguistics**. v. 28, nº 2, 1999, 155-184.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CANTONI, M. M.. *A epêntese no português brasileiro em uma perspectiva multirrepresentacional*. **Gragoatá**: Niterói. n.38. 2015 231-246. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v20i38.33308>. Acessado em 14 fev. 25

- CLEMENTS, G.N.; RIALLAND, Annie. **Africa as a phonological area**. Sorbonne-Nouvelle: Paris. 2005.
- CONNELL, Bruce. *The structure of labial-velar stops*. In: **Journal of Phonetics**, 22(4).1994, 441-476.
- DE ARAÚJO, Gabriel Antunes. Consoantes com dupla articulação e *onsets* complexos nas línguas crioulas do Golfo da Guiné. In: **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, 40 (1), jan-abr 2011, p. 316-325.
- DE CASTRO, Yeda. Das línguas africanas ao português brasileiro. In: **Afro-Asia** 14, 1983 p. 81-104.
- DEGRAFF, Michel. Linguists' Most Dangerous Myth: The Fallacy of Creole Exceptionalism. In: **Language in Society**. Vol. 34, No. 4. Sep. Cambridge University Press. 2005, p. 533-591.
- FAKINLEDE. Kayode J. **Beginner's Yoruba**. Hippocrene Books: New York, 2005.
- FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. COSTA NETO, Antônio Gomes da. **A linguagem no candomblé**: um estudo linguístico sobre as comunidades religiosas afro-brasileiras. Brasília: Distrito Federal, 2006. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/A-Linguagem-no-Candombl%C3%A9.pdf>. Acesso em: 18 jan 2023.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. I.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HALL, Nancy. Vowel Epenthesis. In VAN OOSTENDORP, M.; EWEN, C. J.; HUME, E. e K. Rice (Eds.). **The Blackwell Companion to Phonology**. Vol. 3 Wiley-Blackwell. 2011, p. 1576-1596.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico**. 2010.
- JAKOBSON, Roman. Phonology and phonetic. In: **Selected writing**: Phonological studies. California: Los Angeles. 1962, p. 464-491
- KAUFMAN, Terrence; THOMASON, Sarah Gray. **Language contact, Creolization, and Genetic Linguistics**. England: London, 1988, p. 110-146.
- KEANE, Webb. **Religious language**. University of Pennsylvania: Philadelphia. 1997, p. 47-71.
- KINGSTON, John. The phonetics–phonology interface. In: DE LACY, Paul. **Phonology**. Cambridge: UK. 2007, p. 401-34.
- LABOV, William. The general properties of mergers and splits. In: **Principles of linguistic chances – Internal factors**. Blackwell. 1999, p. 310-40.
- LADEFOGED, Peter. **A phonetic study of west African languages**: an auditory-instrumental survey. UK: Cambridge, 1968.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; *et. Al* (Orgs.) **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MARINS, Luiz L. A reafricanização filosófica de Altair Togun. In: **Revista Olorun**. n 24. s/l. mar 2015.

MONADEOSI, Iya. Línguas africanas no candomblé. In: PETTER, Margarida. **Introdução à Linguística Africana**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 251-280.

MUFWENE, Salikoko S. Language contact, Evolution and death. In: **The ecology of language evolution**. Cambridge University. 2001, p. 145-163.

\_\_\_\_\_. Population movements and contacts in language evolution. In: **Language evolution: contact, competition and changes**. Continuum. 2008, p. 29-57 e 79.

NOGUEIRA, Sidnei Barreto. **A palavra cantada em comunidades-terreiro de origem Iorubá no Brasil**: da melodia ao sistema tonal. 237f (Tese de Doutorado). USP: São Paulo, 2008.

NURSE, Derek; PHILIPPSON, Gérard. **The Bantu Language**. Routledge: London. 2003, p. 7-8.

OHALA, John J. **Emergent stops**. University of California: Berkeley. s/d.

OLIVEIRA, Océlio Lima de; SOUZA, Shelton Lima. A relação entre língua, nação e identidade no candomblé acreano. In: **Revista Tropos**: Comunicação, sociedade e Cultura. ISSN: 2358-212X, vol. 5, n. 2, dez. 2016.

OLSON, Kenneth S. 2006. On Niger-Congo classification. In Howard I. Aronson, Donald L. Dyer, Victor A. Friedman, Daniela S. Hristova & Jerrold M. Sadock (eds.). **The Bill Question**. Bloomington: editora Slavica. 2006, p. 153–190.

OUSHIRO, Livia. Tratamento de dados com o r para análises sociolinguísticas. In Raquel Meister Ko. Freitag (Organizadora). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-10cap>, p.134-177.

PARÉS, Luis Nicolau. **A formação do Candomblé**: história e ritual da nação jeje na Bahia. 3ª ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2018.

PETTER, Margarida. **Por que estudar as línguas africanas no Brasil?**. São Paulo, v. 11, n. 2, p. 197 – 210, jan./jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Linguística Africana**. São Paulo: Contexto, 2015.

\_\_\_\_\_. A influência das línguas africanas no português brasileiro. In: ALTENHOFEN, Cléo V.; MELLO, Heliana *et. al* (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: EditoraUFMG, 2011, p. 255-74.

\_\_\_\_\_. Línguas africanas no Brasil. In: **África**: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP, S. Paulo, 27-28: 63-89, 2006/2007.

\_\_\_\_\_. **Línguas africanas no Brasil**. Niterói, n. 19, 2005, p. 193-217.

PRANDI, Reginaldo. **Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

SAMARIN, William J. The language of religion. In: U. Ammon, N. Dittmar e K. Mattheier (eds.). **Sociolinguistics: An international handbook of the science of language and society**. Berlin, 1987, p. 85-91.

SCHADEBERG, Thilo C. **A sketch of Umbundu**. Köln: Köppe, 1990.

SILVA, Sara Jane da. **O canto de Oyá no candomblé: um estudo dos aspectos culturais e etnomusiológicos**. 138f. (Dissertação). UFBA: Salvador, 2009.

SMITH, Norval S. H. Creole Phonology. In: KOUWENBERG, Silvia; SINGLER, John Victor. **The Handbook of Pidgin and Creole Studies**. Wiley-Blackwell. 2008, p. 98-130.

UFFMANN, Christian. Epenthetic vowel quality in loanwords: Empirical and formal issues. In: *Lingua*. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0024384105001075?via%3Dihub.116>. 2006, 1079-1111. Acessado em: 14 fev 2025.

VENTRUCI, Andrea. **Language of religion, religion as languages. Introduction to the special issue 'Religions and languages: a polyphony of faith'**. Springer. 2022.

WIDDOWSON, H.G. Area of enquiry: focus on form. In: **Linguistic**. Oxford University. 1996, p. 41-52.

ZOSSOU, Alban Aminou. Análise do code-switching fongbé-francês: uma perspectiva sociointeracional. In: **O code-switching fongbé-francês no Benim: um estudo sociolinguístico interacional**. UnB: Brasília. 2021, 105-49.

## ANEXO

### Anexo A – Palavras com {gb}

àgbà	eléèjìgbó	gbéèdè	ìgbó	nígbó
àgbékó	ẹlẹgbára	gbéẹron	ìgbódé	níìgbó
àgbòròn	fígbó	gbèjẹ	ìgbú	níìgbòho
àgògbá	fíìgbó	gbélé	ìyáàgbà	ògbèri
àgògbé	gba	gbèlé	lẹgbáa	ògbóni
àgògbó	gbà	gbèlẹ	lẹgbára	olúgbàjẹ
àgògbú	gba-n-gba	gbìn	ngbà	oníìgbó
àìgbè	gbálé	gbogbo	ńgbà	ríìgbón
aláàgbaà	gbálẹ	gbón	ngbè	şàgbáwí
àláàgbaà	gbálẹ	gbón	ngbẹ	şàgbàwí
aláàgbèdẹ	gbàyíí	gbúré	ńgbè	şàńgbá
darúgbó	gbé	ìgbá	ngbèlé	sigbó
ègbo	gbè	ìgbà	ńgbélé	sígbó
èjìgbò	gbẹ	ìgbàgbó	ńgbèlé	sogbé
elééjìgbò	gbẹ	ìgbín	nìgbó	sogbè

## Anexo B – Palavras com {b}

Ààbà	báayí	bèrè	bù	júbbà	ọbàtálà
Ààbò	báàyií	béří	dọba	káàbò	ọbẹ
Abà	báàyií	béřì	ẹbọ	kàràba	ọbẹ
Àbá	báàyií	bẹrù	ẹlẹbàrà	kòlòbó	ọbẹewá
abénilóří	baàyònnì	bẹrù	fàbò	kòròba	obínrin
Àbíkú	bábá	bgà	fibò	l'ààbò	oníbodé
àbò	bábà	bi	gbáà	l'abọwọlé	òşíbàtà
àbọá	bàbá	bí	iba	lábá	ràbàtà
àjẹbí	bàbà	bì	ìba	làbà	ríbo
àkábá	balẹ	bíří	ìbá	laba-lába	sábà
àkàbà	bàrà	bímọn	ìbà	laba-lábá	síbẹ
aláààbò	bàrà-bàrà	bířì-bířì	ibẹ	lẹlẹbá	sọba
àróbò	barabo	biyẹ	ìbẹ	nbọ	sọbóló
ayaba	bàyińjọ	bò	ibi	ńbọ	şubú
Ba	bẹ	bọ	ibí	níří	tóbi
Bá	bẹ	bọ	ibin	nřibú	tóbí
Bà	bẹ	bò-ń-bàtà	ibú	ọba	Tú-ń-bá
Báa	bẹbẹ	bọólẹ	jọba	ọbá	ọbàtálà
baarú	bẹẹ	bọólẹ	júbá	ọbalúàiyé	ọbẹ
báayi	bẹẹrẹ	bòřì	júbà	ọbalúwàiyé	ọbẹ

